

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DEPRESSÃO E RELIGIOSIDADE EM DESEMPREGADOS DE
MEIA-IDADE**

Catarina Raquel Camacho Nunes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DEPRESSÃO E RELIGIOSIDADE EM DESEMPREGADOS DE
MEIA-IDADE**

Catarina Raquel Camacho Nunes

Dissertação orientada por:
Professor Doutor Bruno Ademar Paisana Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2015

***Unemployment** is like a headache or a high temperature - unpleasant and exhausting but not carrying in itself any explanation of its cause.*

William Henry Beveridge

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, pela orientação científica do trabalho, bem como pelo apoio, paciência e incentivo que sempre demonstrou, o meu profundo agradecimento.

Às pessoas que estavam desempregadas e que colaboraram, o meu muito obrigada pela sua participação pois, sem elas, este estudo não teria sido possível.

Ao apoio e colaboração do Clube de Emprego da Nazaré do IHM e à Paroquia da Nazaré, pois, sem a vossa ajuda, teria sido difícil dar seguimento a este trabalho.

Ao Eurico Felisberto, por sempre acreditar em mim, por não me deixar desistir e pelo seu amor, paciência e carinho.

Aos meus amigos, Inês, Sofia, Pius, Navin e Luiz, por terem sido uma luz na minha vida.

À Natha, Escola Espiritual de Yoga e Tantra, pela transformação profunda.

À minha mãe e irmã pela confiança, e principalmente, pela compreensão das minhas limitações e ausência.

Ao meu pai, que sempre acreditou em mim, e que hoje estaria profundamente orgulhoso.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida.

Aos 5 anos de curso, repletos de conhecimento e novas aprendizagens.

Um especial Obrigada a mim mesma, por me continuar a surpreender.

ÍNDICE

Introdução	13
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	15
1.1. Desemprego.....	15
1.1.1. Conceito, Definição e Teorias.....	15
1.1.2. Variáveis Moderadoras	17
1.1.2.1. Género	18
1.1.2.2. Idade.....	20
1.1.2.3. Duração do Desemprego.....	21
1.1.2.4. Desemprego e Religiosidade	23
1.1.3.Desemprego em Portugal.....	24
1.1.4. Especificidades do Desemprego	25
1.2. Depressão	26
1.3. Religiosidade	27
1.3.1. História e Definição.....	27
1.3.2. Dimensões da Religiosidade	29
1.4.Relação entre Depressão e Religiosidade	30
1.5. Meia-idade e Desemprego.....	32
1.6.Relação entre Depressão, Religiosidade e Desemprego	34
Capítulo 2 – Objetivos e Hipóteses do Estudo	35
Capítulo 3 – Metodologia.....	37
3.1. Participantes	37
3.1.1. Caracterização Sociodemográfica da amostra	38
3.2. Instrumentos	40
3.2.1. Questionário Sociodemográfico	40
3.2.2. Questionário de Prática Religiosa	40
3.2.3. Questionário de Experiência Subjetiva de Desemprego.....	40
3.2.4. Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D).....	41
3.2.5. Escala de Orientação Religiosa - R.....	42
3.3. Procedimento	42
3.4. Análise Estatística	43
Capítulo 4- Resultados	43
4.1. Estatística Descritiva dos Instrumentos.....	43

4.5. Teste das Hipóteses.....	44
4.6. Outras correlações	48
4.7. Diferenças de Género	48
4.8. Análise das variáveis sociodemográficas na manifestação de sintomatologia depressiva	50
Capítulo 5 - Discussão dos Resultados.....	53
Referências Bibliográficas	63
Anexos	70
Anexo I – Consentimento Informado e Autorizações	71
Anexo II – Questionário Sociodemográfico	72
Anexo III – Resultados da análise de Confiabilidade do Questionário Experiência Subjetiva de Desemprego	73

ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro 1 - Características Sociodemográficas da amostra (n=43)	38
Quadro 2 - Confiabilidade do QESD-Total, Subescala Derrota e Subescala Oportunidade	73
Quadro 3 – Correlações Item-Total na Subescala Derrota	73
Quadro 4 - Correlações Item-Total na Subescala Derrota eliminando o Item 5	73
Quadro 5 - Correlações Item-Total na Subescala Oportunidade	74
Quadro 6 - Correlações Item-Total do QESD com o item 4	74
Quadro 7 - Correlações Item-Total do QESD final sem o item 4	75
Quadro 8 - Estatística descritiva dos Instrumentos	44
Quadro 9 - Comparação entre participantes que adotaram uma orientação religiosa intrínseca ou extrínseca e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	45
Quadro 10 - Comparação entre desemprego de longa duração e desemprego de curta duração com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	46
Quadro 11 - Comparação entre participantes que recebem e que não recebem o subsídio de desemprego com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	47
Quadro 12 - Comparacao entre envolvimento religioso e a atitude face ao desemprego, a manifestação de sintomatologia depressiva e a religiosidade através do método da correlação de Pearson	48
Quadro 13 - Comparação entre homens e mulheres na Subescala Derrota, na CES-D e na OREP através do teste-t para Igualdade de Médias	49
Quadro 14 - Comparação entre homens e mulheres nos itens do QESD através do U de Mann-Whitney	49
Quadro 15 - Comparação entre casados/união de facto e solteiros/divorciados/viúvos com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	51
Quadro 16 - Comparação entre participantes com escolaridade inferior ou superior ao 9.ano e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	52
Quadro 17 - Comparação entre participantes que têm ou que não têm filhos a cargo e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias	53

RESUMO

Face à crise económica que Portugal atualmente atravessa, o Desemprego tem sido um tema relevante da atualidade.

Inúmeros estudos reportaram que a situação de desemprego é um fator de risco para a ocorrência de sintomatologia depressiva, que a religião pode funcionar como um fator protetor e que os indivíduos que se encontram no período da meia-idade sofrem mais com as consequências negativas do desemprego.

O objetivo primordial do estudo foi compreender o impacto psicológico da vivência do desemprego em adultos de meia-idade da Ilha da Madeira. Procurou-se entender se a vivência de uma situação de vida adversa, tal como a situação de desemprego, poderia ser um fator de risco para a ocorrência de sintomas depressivos e, se nesta população específica, a religiosidade poderia funcionar como um fator protetor. Pretendia-se igualmente estudar as diferenças de género por se considerar que poderiam existir diferenças relativamente às variáveis em estudo.

Foi estudada uma amostra de conveniência, composta por 43 participantes, com idades compreendidas entre os 40 e os 65 anos, desempregados e residentes na Ilha da Madeira. A cada participante foram aplicados os seguintes questionários: Questionário Sociodemográfico; Questionário sobre Práticas Religiosas; Questionário de Experiência Subjetiva de Desemprego (Forret, Sullivan & Mainiero, 2010); Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D; Gonçalves & Fagulha, 2004) e Escala de Orientação Religiosa - R (Linares, 2009; versão portuguesa).

Os resultados obtidos indicam a existência de uma correlação ($r = .67$) entre a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e o nível de sintomatologia depressiva; entre a orientação religiosa extrínseca ($r = .35$) e a orientação religiosa extrínseca pessoal ($r = .35$) e o nível de sintomatologia depressiva. Foi igualmente encontrada uma correlação ($r = .33$) entre a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e a orientação religiosa extrínseca pessoal e entre a prática religiosa e o nível de sintomatologia depressiva ($r = .32$). No que concerne às variáveis tempo de desemprego, receber/não receber subsídio de desemprego e às variáveis sociodemográficas, foi apenas encontrada uma correlação ($t = -2.38$) entre o nível de escolaridade e o nível de sintomatologia depressiva. Os participantes com baixo nível de escolaridade apresentaram níveis mais elevados de sintomatologia depressiva comparativamente aos participantes com nível de escolaridade mais alta. Considerando-se separadamente os dois sexos, foi encontrada uma correlação ($r = .62$) entre

a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e o nível de sintomatologia depressiva; entre a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e a orientação religiosa intrínseca ($r = -.40$) e entre a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e a orientação religiosa extrínseca ($r = .43$) para o sexo feminino. Relativamente ao sexo masculino, foi encontrada uma correlação ($r = .63$) entre a subescala que avalia o desemprego visto como uma derrota e o nível de sintomatologia depressiva e entre a prática religiosa e o nível de sintomatologia depressiva ($r = .68$). Verifica-se que parte das correlações referidas só se encontram nas mulheres porque o número reduzido de homens ($n=12$) não permite chegar a uma conclusão clara.

Palavras-Chave: Desemprego; Sintomatologia Depressiva; Orientação Religiosa; Género.

ABSTRACT

In the economic crisis that Portugal is currently undergoing, the unemployment has been a major issue in the present.

Numerous studies have reported that the unemployment situation is a risk factor for the occurrence of depressive symptoms, that religion can act as a buffer effect and that individuals who are in the middle age period suffer more from the negative consequences of unemployment.

The primary objective of the study was to understand the psychological impact of the experience of unemployment in middle-aged adults of Madeira. We have tried to understand if the experience of an adverse life situation, such as the unemployment, could be a risk factor for the occurrence of depressive symptoms and if, in this specific population, religiosity could act as a buffer effect. We have also tried to study the gender differences since we have considered there could be differences for the variables under study.

A convenience sample was studied, consisting of 43 participants, with ages between 40 to 65 years, unemployed and residents of the island of Madeira. For each participant the following questionnaires were applied: Questionnaire Socio-demographic; Questionnaire of Religious Practices; Questionnaire of Subjective Experience of Unemployment (Forret, Sullivan & Mainiero, 2010); Depression Scale of the Center for Epidemiologic Studies (CES-D; Gonçalves & Fagulha, 2004) and Religious Orientation Scale - R (Linares, 2009; Portuguese version).

The results indicate the existence of a correlation ($r = .67$) between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and the level of depressive symptoms; between extrinsic religious orientation ($r = .35$) and personal extrinsic religious orientation ($r = .35$) and the level of depressive symptoms. It was also found a correlation ($r = .33$) between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and personal extrinsic religious orientation and between the religious practice and the level of depressive symptoms ($r = .32$). Regarding the variables duration of unemployment, receive/not receive unemployment

benefits and socio-demographic variables, we have only found a correlation ($t = -2.38$) between the level of education and the level of depressive symptoms. Participants with low level of education had higher levels of depressive symptoms compared to participants with the highest level of education. Considering both sexes separately, a correlation was found ($r = .62$) between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and the level of depressive symptoms; between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and intrinsic religious orientation ($r = -.40$) and between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and extrinsic religious orientation ($r = .43$) for women. Relative to men, we have only found a correlation ($r = .63$) between the subscale that measures unemployment seen as a defeat and the level of depressive symptoms and between the religious practice and the level of depressive symptoms ($r = .68$). It appears that part of the correlations referred before were only found on women because the small number of men ($n = 12$) does not reach a clear conclusion.

Keywords: Unemployment; Depressive Symptoms; Religious Orientation; Gender.

Introdução

Sabe-se, pela situação económica que Portugal atualmente atravessa, que o desemprego é um tema da atualidade. O número de desempregados aumenta, independentemente da idade, contudo algumas populações parecem ser mais vulneráveis do que outras. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, até a data dos Censos de 2011, a Região Autónoma da Madeira (RAM) foi a região do País que teve a taxa de Desemprego mais elevada (14.65%), em comparação com 13.19% para Portugal Continental e 11.13% para a Região Autónoma dos Açores. Na RAM, a percentagem de homens desempregados foi superior (16.69%) à percentagem de mulheres desempregadas (12.44%). A suposição de que o desemprego tem efeitos particularmente negativos entre as pessoas de meia-idade está bem estabelecida no domínio da investigação. Dado que o desemprego tem provavelmente um impacto diferente consoante a idade, decidiu-se estudar indivíduos que se encontram na fase de meia-idade por não ser possível estudar todas as idades e por se considerar que esta é uma população específica e vulnerável. O passado já não pode ser recuperado e por vezes o futuro pode ser demasiado assustador. Além de que seria demasiado ambicioso ter uma amostra que cobrisse todas as faixas etárias possíveis.

Face a esta problemática surgiu o interesse em estudar uma população específica - indivíduos que se encontram atualmente desempregados, de ambos os sexos, que tenham idades compreendidas entre os 45 e os 65 anos e que residam na Ilha da Madeira.

A depressão é considerada a principal causa de incapacidade, à escala mundial, em termos de total de anos perdidos devido a incapacidade (WFMH, 2012). Torna-se mais preocupante quando se verifica que o impacto desta doença é 50% maior nas mulheres do que nos homens. Segundo os dados divulgados pela Direção Geral de Saúde, em 2013 Portugal foi o país da Europa que teve a taxa de Depressão mais elevada, e o segundo país do mundo que teve a taxa mais elevada logo a seguir aos Estados Unidos da América. Recorrendo aos dados estatísticos, a cada ano, 7.9% da população portuguesa sofre de depressão (DGS, 2013).

A religião protege contra a depressão ou alivia os sintomas depressivos, pelo menos nalgumas populações. Nas situações de crise social as pessoas precisam de mais laços, de maior solidariedade social, e o espaço religioso pode ser um espaço favorável a isso. Num estudo realizado em Portugal no ano 2012 concluiu-se que 79.5% da população portuguesa é católica o que evidencia uma descida de 7.5% de 1999 para 2011 (Teixeira, 2012). A situação do mercado de trabalho de um país pode induzir esperança ou desespero nas pessoas que procuram emprego, e portanto, influenciar a saúde mental das mesmas.

Face à pertinência em estudar as variáveis depressão e religiosidade e à inexistência de estudos portugueses que relacionem estas variáveis com o desemprego, surgiu o interesse em realizar um estudo que tem como linha orientadora estudar estas três variáveis que parecem estar interligadas mas que não têm sido investigadas em conjunto.

Um dos maiores riscos do desemprego, do ponto de vista psicológico, é o desenvolvimento de sintomatologia depressiva. Nesta situação específica pode colocar-se a seguinte questão: até que ponto a religiosidade pode ajudar uma pessoa a lidar com as dificuldades psicológicas provocadas pela situação de desemprego sem cair na depressão? Ou seja, até que ponto pode a religiosidade funcionar como um fator protetor?

Serão então estudadas as variáveis: religiosidade, depressão e desemprego em adultos de meia-idade com idades compreendidas entre os 40 e os 65 anos. Para isso, serão avaliadas as dimensões de religiosidade (religiosidade intrínseca e extrínseca, subdividida nas componentes pessoal e social), a prática religiosa, a experiência subjetiva de desemprego e o nível de sintomatologia depressiva.

No presente estudo ter-se-á em conta o eventual efeito de determinadas variáveis sociodemográficas uma vez que foi encontrado, na literatura, uma relação destas com a variável depressão.

No que se refere à organização do presente trabalho, além da introdução e da conclusão, o mesmo será apresentado em cinco capítulos. O primeiro capítulo será guardado para a revisão de literatura e enquadramento teórico sobre as temáticas em causa; o segundo capítulo será constituído pelos objetivos e hipóteses do estudo; no terceiro capítulo será abordada a metodologia; o quarto capítulo os resultados do estudo e no quinto capítulo a discussão dos resultados.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1.1. Desemprego

1.1.1. Conceito, Definição e Teorias

Embora o desemprego seja um fenómeno que já existe há muitos séculos, o conceito abstrato de Desemprego não surgiu antes da revolução industrial (Garraty, 1978). Durante esta época começaram a surgir as relações empregado-empregador, o qual contribuiu para o desemprego em massa. Começaram a existir flutuações nos negócios, típicas de um sistema económico moderno, e a Europa e a América do Norte foram obrigadas a aceitar a realidade, de que não havia trabalho suficiente para todas as pessoas que estavam dispostas e capazes de trabalhar, uma atitude que tinha dominado o pensamento dos séculos anteriores. Porém, o processo de aceitação desta realidade foi um processo lento uma vez que a palavra Inglesa *unemployment* só começou a ser utilizada a partir de 1890 (Garraty, 1978). Nesta altura começaram a surgir instituições de emprego, típicas das sociedades contemporâneas, que tinham como objetivo lidar com o fenómeno de desemprego (Garraty, 1978). Logo após o conceito de desemprego estar estabelecido, durante o final do século 19, os investigadores começaram a interessar-se pelo estudo dos aspetos psicológicos do desemprego. Em 1911, Rowntree e Lasker publicaram um estudo que revelou que os efeitos do desemprego eram “desmoralizantes” e “prejudiciais” (...) sobre o carácter de um homem” (p. 309). Posteriormente, os estudos sobre os aspetos psicológicos do desemprego foram aumentando lentamente até que houve um pico acentuado durante os anos 30, quando as taxas de desemprego estiveram incrivelmente altas em todo o mundo industrializado. Esta primeira fase de investigação é resumida no estudo de Eisenberg e Lazarsfeld (1938). Mais tarde, o interesse nos aspetos psicológicos do desemprego foi renovado por volta dos anos 70 quando as taxas de desemprego subiram de novo no mundo ocidental (Feather, 1990). Hoje em dia, o interesse nesta área de investigação continua a aumentar desde os anos 30 do século passado.

Na literatura existente ainda não há um consenso relativamente à definição do desemprego enquanto constructo psicológico. Feather (1990), por exemplo, utilizou uma definição similar com a definição utilizada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT). Segundo este autor, os desempregados são pessoas que têm idade para trabalhar e que estão à procura de emprego de forma ativa. As pessoas que desistiram de procurar um trabalho ou que, por qualquer outro motivo (por exemplo, problemas de saúde, responsabilidades familiares), estão desempregadas mas não estão à procura de um emprego, são excluídas da definição proposta por este autor. Jahoda (1982), por outro lado, utilizou

uma definição muito mais ampla. Esta autora referiu que os desempregados são aquelas pessoas que não têm um emprego mas que gostariam de ter um, ou que recebem apoio financeiro, a fim de sobreviver, enquanto não têm um emprego. No entanto, a maioria das definições contemporâneas sobre o desemprego são orientadas para o conceito proposto pela Organização Internacional do Trabalho e incluem os três elementos fundamentais desta definição que representam um compromisso internacional (Jahoda, 1982): os desempregados correspondem a todas as pessoas acima de uma determinada idade que, durante o período de referência, estavam sem trabalho, encontravam-se disponíveis para trabalhar e continuavam à procura de um emprego.

Esta definição demonstra que o desemprego é um constructo complexo e multidimensional, que envolve não só aspetos situacionais (não ter um emprego), mas também aspetos motivacionais (procura de um emprego) e aspetos médicos, legais e emocionais (disponíveis para trabalhar).

Várias teorias psicológicas gerais têm sido aplicadas de modo a compreender o conceito abstrato do desemprego, no entanto, existem três teorias que foram especificamente desenvolvidas e aplicadas nesta área de investigação. O Modelo de Privação Latente de Jahoda, o Modelo Vitamínico de Warr e a Abordagem Agencia-Restrição de Fryer. Para o presente trabalho, será realizada uma breve descrição do Modelo de Jahoda e aprofundada a Abordagem de Fryer. De acordo com Jahoda (1982), no seu Modelo de Privação Latente, o emprego tem uma função manifesta (ganhar a vida), e varias funções latentes, funções essas involuntárias e determinantes da saúde mental da pessoa. A quantidade de acesso que um indivíduo tem às funções latentes do emprego tem um impacto direto sobre a sua saúde mental. Portanto, de acordo com este modelo, o emprego é fundamental para um indivíduo estar psicologicamente saudável, pelo que o desemprego conduz a uma saúde mental reduzida (1982). A angústia que as pessoas desempregadas sentem seria a consequência da falta das cinco funções latentes do emprego (estrutura do tempo, contacto social, uso coletivo, estatuto social e atividade) que correspondem a necessidades psicológicas importantes. Segundo este modelo só o emprego pode providenciar as funções latentes em quantidade suficiente pelo que a situação de desemprego leva o indivíduo a um estado de privação (1982). Fryer (1986) criticou o Modelo de Privação de Jahoda por razões pragmáticas, metodológicas e empíricas, bem como pela forma como a natureza humana é abordada no modelo. De acordo com Fryer, as Teorias de Jahoda e Warr baseiam-se numa visão do ser humano como um ser passivo, reativo, dependente e, principalmente, extrinsecamente motivado. Por outro lado, Fryer (1986) assume que os seres humanos são pessoas que se

encontram numa busca ativa de um propósito, que procuram criar um sentido, iniciar, influenciar e lidar com os eventos da vida de forma adaptativa, em coerência com os valores, objetivos e expectativas de futuro pessoais. Porém, segundo este autor, a situação de desemprego restringe a pessoa, compromete o seu planeamento e ação intencional, uma vez que o desemprego está geralmente associado com problemas financeiros, insegurança no futuro e baixo poder social. A Abordagem Agencia-Restrição, procura concentrar-se no que as pessoas trazem consigo numa situação inesperada, não familiar e problemática em vez de se focar naquilo que é retirado (pela perda do emprego) (1986). Pode-se concluir que os seres humanos, na Teoria de Fryer (1986) são vistos como tendo um desejo para o auto direcionamento, que é restringido pelo desemprego e pelas dificuldades financeiras associadas ao mesmo, resultando numa quebra da saúde mental do indivíduo. Assim, nesta abordagem as dificuldades financeiras são a causa do sofrimento (Fryer, 1986).

A maioria das teorias gerais que foram aplicadas ou que foram originalmente desenvolvidas nesta área de investigação partilham a mesma ideia, de que ao desemprego está associado sofrimento e diminuição da saúde mental.

1.1.2. Variáveis Moderadoras

O desemprego é considerado um acontecimento de vida stressante (Kulik, 2000) e um vasto aglomerado de sintomas têm sido diretamente relacionados como consequências do desemprego, por exemplo depressão; desesperança; apatia; ansiedade; sintomas psicossomáticos; baixa autoestima; baixa satisfação com a vida; humor negativo; paranoia; alcoolismo; conflitos familiares e (para) suicidas (Hamilton, Hoffman, Broman & Rauma, 1993; Dooley et al 1994, Clark & Oswald 1994, Dorling 2009, Lewis & Sloggett 1998, Agerbo 2005, cit. por WFMH, 2012). No entanto, para o presente estudo, será apenas tido em consideração a depressão enquanto consequência negativa do desemprego. Verificou-se, por exemplo, que a depressão pode funcionar como um fator precipitante, aumentando o risco de desemprego (Moorhouse & Caltabiano, 2007), mas também que o desemprego pode aumentar os níveis de sintomatologia depressiva (Frese & Mohr, 1987).

Para compreender melhor o desemprego como fator precipitante de depressão, a teoria do desespero aprendido pode ser citada (Abramson, Seligman & Teasdale, 1978). De acordo com esta teoria, tentativas frustradas para encontrar um novo emprego, assim como fragilidade financeira são experienciadas como uma perda do controlo e criam um estado de desamparo aprendido nos desempregados (Abramson, et. al, 1978). Consequentemente, o

estado de desamparo é geralmente associado com sintomas de depressão e baixa autoestima (Frese, et. al., 1978).

A procura de variáveis moderadoras dos efeitos negativos do desemprego na saúde mental das pessoas é importante por duas razões: os efeitos moderadores significativos ajudam a identificar os indivíduos que precisam de ajuda e a identificar os indivíduos que não sofrem com os efeitos negativos do desemprego ou que sofrem menos do que os outros. Em estudos anteriores foram encontradas diversas variáveis moderadoras do desemprego, por exemplo, o género (Artazcoz, Benach, Borrel & Cortès, 2004); a idade (Hepworth, 1980; Jackson & Warr, 1984); o estatuto socioeconómico (Hepworth, 1980); a duração do desemprego (Hepworth, 1980; Jackson & Warr, 1984); a religiosidade (Shams & Jackson, 1993; Jackson & Warr, 1987), entre outras.

Para os efeitos do presente estudo, apenas serão tidas em conta as variáveis género, idade, duração do desemprego e religiosidade.

1.1.2.1. Género

Tradicionalmente, os estudos psicológicos sobre o desemprego estavam especialmente interessados em estudar o sexo masculino em detrimento do sexo feminino, porque era considerado que os homens sofriam mais com o desemprego (Artazcoz, et. al, 2004; Forret, Sullivan & Mainiero, 2010; Haid & Seiffge-Krenke, 2013; Kulik, 2001; Strandh, Hammarstrom, Nilsson, Nordenmark & Russel, 2013). Acreditou-se que o sexo masculino sofria mais com o desemprego devido aos diferentes papéis que cada género desempenha na sociedade, na família e no mercado de trabalho (Strandh, et. al, 2013). Ficar sem emprego para o homem pode ser associado ao perder da sua identidade, porque sob o seu olhar, este deixa de cumprir o dever central da sua vida, o de sustentar a família (Forret, et. al, 2010). Por outras palavras, a identidade masculina está intrinsecamente ligada à carreira profissional nas sociedades ocidentais e severamente ameaçada pelo desemprego (McFayden, 1995).

Pode-se pensar que a escassez de estudos sobre o desemprego no sexo feminino deve-se, possivelmente, à entrada tardia da mulher no mercado de trabalho e ao facto do trabalho não desempenhar um papel central na vida da mulher sendo essa uma das razões porque outros estudos afirmaram que o sexo feminino não é tão afetado com o desemprego como o sexo masculino. As mulheres podem sofrer menos com o desemprego devido ao facto destas terem mais facilidade em adotar papéis sociais alternativos (Forret, et. al 2010; Kuhnet al., 2004, cit. por Haid, et. al, 2013). Outra das razões porque o sexo feminino sofre menos com a

situação de desemprego está relacionado com a identidade, como já foi referido. A identidade da mulher depende bastante da sua capacidade de ser mãe, esposa e dona de casa (Forret, et. al, 2010). Outro argumento porque o sexo masculino sofre mais é que a estigmatização pode ser maior para os homens desempregados do que para as mulheres desempregadas (Kulik, 2000b). Assim, compreende-se que muitos estudos afirmem que a situação de desemprego produz um impacto negativo maior nos homens comparativamente às mulheres. Contudo, a suposição de que o sexo masculino sofre mais com o desemprego em comparação com o sexo feminino deve ser discutida.

A visão das mulheres relacionada com o mundo do trabalho tem vindo a mudar nos últimos anos. Num estudo integrativo realizado nos Estados Unidos, Austrália e Portugal, constatou-se que as mulheres, jovens e letradas, expressam um maior compromisso tanto no trabalho como na família comparativamente aos homens (Kulik, 2000). Por outro lado, num estudo realizado em Indiana, afirmou-se que as mulheres muitas vezes são vítimas de discriminação social no mercado de trabalho, reduzindo as hipóteses de reinserção profissional e aumentando a duração do desemprego (Perrucci, Perrucci&Targ, 1997). Noutros estudos afirmou-se que o sexo feminino sofre mais com a situação de desemprego devido à predisposição geral das mulheres para ter perturbações mentais tais como a depressão e ansiedade (Kulik, 2000; Zenger, Brahler, Berth & Stobel-Richter, 2011). Parece razoável supor que tais situações irão ter implicações na saúde mental da mulher, reduzindo o seu bem-estar psicológico.

Nas últimas décadas têm acontecido profundas alterações no mercado de trabalho que provavelmente influenciam a forma como cada pessoa reage à situação de desemprego. Kulik (2000) refere a entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e que as mudanças nos papéis da família, consequentemente aproximaram as mulheres dos homens no que respeita à carreira profissional. Em muitas famílias, o marido já não é o único que sustenta a família pelo que a mulher também contribui para as despesas, ou, em determinados casos, a mulher passou a ser o principal sustento da família (Kulik, 2000b). As mulheres hoje em dia atribuem bastante importância à educação e à carreira profissional pelo que se tornam independentes financeiramente, e o casamento e os filhos tendem a surgir mais tarde (Kulik, 2000b). As mulheres também já se candidatam a empregos estereotipadamente masculinos, algo que no século anterior seria impensável (Kulik, 2000b).

Antigamente o homem era visto como sendo a âncora da família. Era o homem que ia trabalhar para poder sustentar a família enquanto a mulher ficava em casa a cuidar das crianças e das tarefas domésticas. Embora tenham existido inúmeras mudanças em relação ao

papel social da mulher, parece que o sistema de valores tradicionais ainda está bastante presentes em muitas sociedades ocidentais. Nos países em o homem ainda é visto como sendo o principal sustento da família, correspondendo ao papel tradicional masculino, o homem sofre mais com a situação de desemprego (Artazcoz, et. al, 2004; Strandh, et. al, 2013).

1.1.2.2. Idade

Na literatura foi descrito que as pessoas que se encontram na fase da meia-idade sofrem mais com o desemprego enquanto as pessoas mais jovens ou mais velhas não são tão afetadas. Alguns estudos relatam que os indivíduos de meia-idade apresentam níveis de *stress* mais elevados após a perda de emprego comparativamente às pessoas mais novas ou mais velhas (Andersen, 2009, Economou, Nikolaou, & Theodossiou, 2007 cit. por Haid, et. al, 2013 Hepworth, 1980). Uma das razões porque as pessoas de meia-idade sofrem mais com o desemprego está relacionado com o aumento das responsabilidades familiares na meia-idade e, conseqüentemente, a importância de receber um bom ordenado também aumenta. Em comparação, as pessoas mais jovens ou mais velhas costumam lidar com menos pressões financeiras (Jackson, et. al, 1984). Os homens de meia-idade desempregados enfrentam problemas de natureza diferente comparativamente aos homens mais jovens que deixaram a escola recentemente ou aos homens mais velhos que estão perto da reforma (Warr, et. al, 1984). Os homens de meia-idade têm mais responsabilidades familiares e um maior compromisso financeiro com a família, uma vez que têm crianças para criar e diversas despesas para pagar (Kulik, 2000). Já as mulheres, neste período de vida, estão expostas a muitos fatores de *stress*. Por exemplo, são as mulheres que, em geral, cuidam dos pais envelhecidos e se tornam responsáveis pelo progenitor que sobrevive quer se trate da sua família de origem ou da do cônjuge/companheiro (Fagulha, 2005). Numa fase de vida em que a mulher supostamente teria tempo e liberdade para investir nos seus projetos pessoais, esta encontra-se acorrentada em assumir a responsabilidade simultânea de cuidar dos pais e dos filhos (Fagulha, 2005) e por vezes do próprio marido. O topo da carreira profissional costuma ocorrer na fase da meia-idade, pelo que as pessoas de meia-idade são suscetíveis de apresentar um forte compromisso com a carreira, possivelmente considerando o emprego como um fator fundamental do seu bem-estar mais do que as pessoas mais velhas que já estão perto do fim das suas carreiras ou as pessoas mais jovens que ainda não estão completamente integradas no mundo do trabalho (Lahelma, 1989). Além disso, enquanto as pessoas de meia-idade têm pouco acesso a construções identitárias alternativas, os jovens têm mais

probabilidades de encontrar identidades alternativas em subculturas e os mais velhos podem categorizar-se como “reformados antecipadamente” ao invés de desempregados, algo suscetível de atenuar os efeitos negativos do desemprego (McFayden, 1995). No entanto, na literatura, os resultados permanecem inconsistentes (Zenger, et. al., 2011), uma vez que existem estudos que argumentam que os mais jovens ou os mais velhos sofrem mais com o desemprego do que os indivíduos que se encontram na meia-idade (Stutzer & Frey, 2004 cit. por Haid, et. al, 2013). Porém, Kieselbach (2007, cit. por Haid, et. al, 2013) e Kulik (2001), reportaram que os efeitos negativos do desemprego não são tão elevados em pessoas mais velhas como o são nos indivíduos que se encontram na fase da meia-idade, devido, provavelmente, à oportunidade de reforma antecipada. Num estudo realizado na Alemanha em indivíduos com mais de 60 anos, reformados, constatou-se que a experiência repetida de desemprego durante a vida profissional contribuiu para uma pior saúde mental e baixa satisfação com a vida, com a família, amigos e parceiros, mesmo para aqueles que atualmente recebiam a pensão de reforma (Zenger, et. al, 2011). Assim, considera-se que para os indivíduos que se encontram na fase da meia-idade, as consequências negativas emergidas do desemprego serão elevadas. Uma das razões pela qual se afirma isto é que esta é uma população não jovem, que não tem tantas alternativas de emprego, e por ainda ser não velha, não tem a possibilidade de se reformar. Outra razão diz respeito ao compromisso com a carreira e ao aumento das responsabilidades financeiras.

1.1.2.3. Duração do Desemprego

Na literatura existente, encontram-se imensos estudos que abordam a duração do desemprego, e é comum a muitos deles o facto que, quanto mais tempo um individuo se encontra desempregado, menos saúde física e mental reporta.

O desemprego de longa duração foi associado com níveis mais baixos de saúde física e mental, retratado através de sentimentos de fracasso, insegurança, depressão, ansiedade e baixa autoestima (Wilkinson, 1994; cit. por Sheehan & Tomlinson, 1998). Outros estudos afirmaram que um dos efeitos psicológicos do desemprego a longo prazo é o aparecimento de sintomas depressivos (Artazcoz, et. al, 2004; Kulik, 2001; Moorhouse, et. al, 2007) mas também ansiedade e baixa satisfação com a vida (Zenger, et. al, 2011). Num estudo Australiano, constatou-se que 22% das pessoas desempregadas reportaram sintomas depressivos em comparação com 5% das pessoas da população em geral (Andrews, Hall, Teesson, & Henderson, 1999; cit. por Moorhouse, et. al, 2007). Noutro estudo longitudinal realizado na Austrália, o desemprego esteve associado com um aumento de 50% de distúrbios

psicológicos (Morrell, Taylor & Kerr, 1998; cit. por Moorhouse, et. al, 2007). Com o decorrer do tempo de desemprego, as pressões financeiras podem aumentar, as poupanças e os itens de uso pessoal e doméstico desgastam-se ou terminam, exigindo a sua reparação ou substituição (Jackson, et. al, 1984), o que também pode contribuir para a diminuição da saúde mental do indivíduo. Num estudo realizado com desempregados de curta e de longa duração, constatou-se que os índices de depressão foram superiores nos desempregados de longa duração (Stankunas, Kalediene, Starkuviene & Kapustinskiene, 2006). Verificou-se que, para os desempregados de curta duração, ser do sexo feminino, com idade avançada e ter um historial de episódios de desemprego foram fatores de risco para a desenvolvimento de depressão enquanto para os desempregados de longa duração o fator de risco foi ter idade avançada (Stankunas, et. al, 2006). Noutro estudo realizado com empregados, desempregados de curta duração e desempregados de longa duração, constatou-se que os desempregados de longa duração evidenciam maior depressividade, porém, os desempregados de curta duração foram os que tiveram o resultado mais elevado para a depressividade severa (Lamberg, Virtanen, Vahtera, Luukkaala & Koskenvuo, 2009). O resultado mais elevado de depressividade severa entre os desempregados de curta duração pode estar relacionado com a capacidade de adaptação a um acontecimento de vida novo e não propriamente aos efeitos da duração do desemprego. Num estudo realizado na Irlanda do Norte, certas variáveis sociodemográficas, tais como a idade, o estado civil e o nível de escolaridade foram associadas com o tempo de desemprego (Sheehan, et. al, 1998). Constatou-se que é menos provável os indivíduos de meia-idade receberem uma oferta de emprego; ser do sexo masculino aumentou o tempo de desemprego, porém, estar casado reduziu o tempo de desemprego. Provavelmente porque os homens casados são considerados como sendo mais responsáveis e estáveis do que os homens solteiros (Sheehan, et. al, 1998). Por outro lado, ser uma mulher casada aumentou o tempo de desemprego. Provavelmente devido ao papel tradicional feminino. Quanto ao nível de escolaridade, uma escolaridade mais alta indicou uma redução do tempo de desemprego para o sexo masculino enquanto para o sexo feminino um nível de escolaridade mais baixo esteve associado com tempo de desemprego mais reduzido (Sheehan, et. al, 1998). Este resultado sugere que as mulheres com menos qualificações encontram trabalhos com maior facilidade do que as mulheres com mais qualificações.

Uma vasta quantidade de modelos de estádios hierárquicos foram formulados para descrever o processo de deterioração psicológica associado ao desemprego. Todos os modelos assumem que a perda de um emprego é seguida por uma sequência específica de

reações que são idênticas para todas as pessoas desempregadas. Estes modelos são similares ao processo de luto (Barbosa, 2010). Eisenberg e Lazarsfol (1938) propuseram um modelo de três fases. Na primeira fase há o choque, que é seguido por uma procura ativa de emprego durante o qual o indivíduo ainda está otimista e ainda mantém uma atitude ininterrupta. Na segunda fase, quando todos os esforços utilizados para a procura de emprego falham, o indivíduo torna-se pessimista, ansioso e está constantemente desesperado. Esta é considerada a fase mais importante de todas. Na última fase o indivíduo torna-se fatalista e acomoda-se ao seu novo estado, perdendo a esperança e, conseqüentemente para de procurar um novo emprego (p. 378). De acordo com este modelo, existe uma associação entre a duração do desemprego e a saúde mental, sendo evidenciada uma boa saúde mental no início, seguida pela deterioração grave quando o desemprego dura mais do que alguns meses e, finalmente, a saúde mental estabiliza-se, em níveis mais baixos de saúde mental mas estáveis entre os desempregados de muito longa duração.

1.1.2.4. Desemprego e Religiosidade

Shams e Jackson (1993) estudaram os efeitos da religiosidade sobre o *stress* psicológico causado pela situação de desemprego em Britânicos Asiáticos. Estes autores revelaram que os participantes que se encontravam desempregados, principalmente os de meia-idade, apresentaram níveis mais baixos de bem-estar psicológico. Uma afiliação religiosa foi associada com níveis mais elevados de bem-estar na amostra global, quando os investigadores controlaram a idade e o estado de emprego (Shams, et. al, 1993). Encontraram igualmente uma relação significativa entre a religiosidade e a situação de desemprego. Os desempregados que tinham uma forte afiliação religiosa apresentaram níveis mais elevados de bem-estar psicológico enquanto para os participantes empregados não foi encontrada nenhuma relação significativa. Os autores concluíram que fortes crenças religiosas poderiam ajudar os desempregados a manter a autoestima, e assim, a afiliação religiosa poderia moderar os efeitos negativos do desemprego (Shams, et. al, 1993).

Em relação às diferenças de género, Ferraro e Kelley-Moore (2000), concluíram que o sexo feminino, de um modo geral, é mais propenso a procurar a religião como um consolo. Porém, constatou-se que o sexo masculino também procura a religião quando enfrenta problemas situacionais, tais como o desemprego, e de saúde, tal como a co morbilidade de doenças. Neste estudo, problemas crónicos, especialmente o cancro, foram associados com uma procura intensa de consolo na religião, principalmente para o sexo feminino enquanto a depressão foi associada com uma procura intensa de consolo na religião para ambos os sexos.

Os homens desempregados procuraram a religião como um consolo enquanto o mesmo não se verificou nas mulheres desempregadas (Ferraro, et. al, 2000). Apesar do sexo feminino evidenciar maior afiliação religiosa, em momentos de incerteza, tal como a vivência do desemprego, é o sexo masculino que mais procura a religião como um consolo. Este resultado vai ao encontro do resultado obtido noutros estudos, em que se constatou que as mulheres, de várias faixas etárias, identificam-se mais como sendo religiosas e participam mais em serviços religiosos do que os homens (Blazer and Palmore, 1976; Donahue and Benson, 1995; Feltey and Poloma, 1991; Lazerwitz, 1961, cit. por Ferraro, et. al, 2000). Porém, outros estudos afirmam que a crença e a fé não é muito diferente em homens e mulheres (Thompson, 1991, cit. por Ferraro, et. al, 2000). Um facto curioso é que as diferenças de género em relação à afiliação religiosa parecem diminuir em idades avançadas (DeVaus and McAllister, 1987; Levin, 1994, cit. por Ferraro, et. al, 2000). Contudo não é claro se as diferenças de género diminuem devido a homens de idades avançadas procurarem maior consolo na religião, à morte prematura de homens que não são religiosos ou a uma combinação de ambos (Berkman and Syme, 1979; Comstock and Partridge, 1972; Strawbridge et. al. 1997, cit. por Ferraro, et. al, 2000).

1.1.3.Desemprego em Portugal

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística, o desemprego parece ser um fenómeno social que tem vindo a crescer drasticamente nos últimos anos em Portugal. Tal como foi referido na introdução, a Região Autónoma da Madeira parece ser uma das regiões do País que tem sido muito afetada. Em 2014, a média anual da taxa de Desemprego na RAM era de 15.0% e em Portugal Continental de 13.9% (INE, s.d.).

A nível regional, e comparando com o mês de Junho de 2014, em Junho de 2015 o desemprego, com exceção da Região Autónoma da Madeira (+0.8), diminui em todas as regiões do País (IEFP, 2015). De acordo com o Diário de Notícias, num artigo publicado recentemente (Agosto de 2015), a Madeira tem agora a Taxa de desemprego mais alta do País. A taxa atual de desemprego na RAM é de 13.6% (Cardoso, 2015).

Numa visão mais detalhada, segundo o Instituto de Emprego da Madeira (IEM), em Junho de 2015, estavam registados no IEM 54.5% homens desempregados para 45.5% mulheres desempregadas. Nesta população de desempregados, 12.1% tinham menos de 25 anos e 87.9% tinham mais do que 25 anos de idade (IEM, s.d.).

Relativamente ao nível de instrução, a grande maioria dos indivíduos desempregados, 26.3%, apenas tinha o nível de instrução básico - 1ºciclo seguido de 22.0% de indivíduos que

tinham concluído o secundário (IEM, s.d.). Um dado curioso e preocupante é que a taxa de desemprego é bastante superior no concelho do Funchal, com 43.8%, comparativamente aos restantes 10 concelhos da RAM. O segundo concelho com a taxa de desemprego mais elevada tem 15.7%, uma diferença bastante significativa (IEM, s.d.).

Tendo em consideração os diferentes grupos etários, 25.9% de indivíduos com idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos encontram-se desempregados. Este grupo etário é o que evidencia a taxa de desemprego mais elevada, comparativamente aos restantes grupos. O segundo grupo etário com a taxa de desemprego mais elevada é o grupo dos 35 aos 44 anos com 23.5% da população seguido do grupo dos 25 aos 34 anos com 22.6% da população (IEM, s.d.).

Tendo em consideração os resultados estatísticos apresentados, a população da Região Autónoma da Madeira pode ser considerada como uma população de risco, que está a enfrentar uma situação económica bastante preocupante. Para compreender melhor o que esta população está a enfrentar, é preciso saber que além dos efeitos económicos óbvios, a vivência do desemprego pode provocar efeitos psicológicos negativos.

Assim, perante a situação de desemprego, é esperado que esta população específica esteja em situação de grande vulnerabilidade e corra um risco acrescido de desenvolver sintomas depressivos.

1.1.4. Especificidades do Desemprego

O tempo de desemprego parece ser um aspeto crucial a ter em consideração quando se aborda o desemprego. Portanto, é imprescindível diferenciar o desemprego de curta duração do desemprego de longa duração. Segundo o Instituto de Emprego da Madeira, o desemprego de curta duração é inferior a 12 meses enquanto o desemprego de longa duração é igual ou superior a 12 meses (IEM, s. d.). No presente estudo, o ponto de corte utilizado para diferenciar o desemprego de longa duração do desemprego de curta duração será de 12 meses. Quando um indivíduo se encontra desempregado, caso este reúna as condições necessárias, poderá usufruir do apoio financeiro do estado. O subsídio de desemprego e o subsídio social de desemprego são prestações em dinheiro atribuídas àqueles indivíduos que se encontram atualmente desempregados de forma involuntária (SS, s. d.). O tempo que uma pessoa pode receber o subsídio de desemprego varia consoante a idade e o número de meses que a pessoa registou as suas remunerações na Segurança Social antes de ficar desempregado. Contudo, dos 40 aos 65 anos, o tempo que uma pessoa recebe subsídio de desemprego pode variar entre um ano e meio a dois anos e meio, excluindo os casos de pessoas que têm registo

de remunerações de 20 anos (SS, s. d.). Nesses casos o tempo que a pessoa recebe o subsídio de desemprego é ligeiramente superior. Relativamente ao subsídio social de desemprego, uma pessoa passa a recebê-lo quando não reúne as condições necessárias para receber o subsídio de desemprego ou quando já recebeu a totalidade do subsídio de desemprego a que tinha direito (SS, s. d.).

Num estudo follow-up realizado no Japão em adultos com mais de 40 anos de idade desempregados, verificou-se que os participantes conseguiram manter a saúde mental e o estilo de vida enquanto recebiam o subsídio de desemprego. Quando o direito ao subsídio de desemprego terminou, verificou-se a ocorrência de perturbações do humor (Matoba, Ishitake & Noguchi, 2003). As alterações do humor resultaram provavelmente devido à situação de desemprego prolongado e à cessação do direito ao subsídio de desemprego. Noutro estudo realizado na Catalunha, verificou-se que não receber subsídio de desemprego contribuiu para uma pior saúde mental para as mulheres que não tinham filhos. Para os homens casados receber ou não receber subsídio de desemprego esteve associado com pior saúde mental e para os solteiros, estar desempregado e não receber o subsídio de desemprego também esteve associado com pior saúde mental (Artazcoz, et. al, 2004).

1.2. Depressão

A depressão é uma perturbação mental que tem sido amplamente investigada ao longo dos anos, e é uma doença que pode ser precocemente diagnosticada e tratada em serviços de saúde de cuidados primários (WFMH, 2012).

Hoje em dia é estimado que a depressão afete 350 milhões de pessoas e a depressão é a principal causa de incapacidade, à escala mundial, em termos de total de anos perdidos devido a incapacidade (WFMH, 2012). Contudo, embora a depressão seja a principal causa de incapacidade tanto para homens como para mulheres, o impacto que esta doença provoca é 50% maior nas mulheres comparativamente aos homens. De facto, a depressão é a principal doença que causa fardo nas mulheres, tanto em países de rendimento alto assim como em países de rendimento médio e baixo (WFMH, 2012). Esta situação torna-se ainda mais preocupante quando olhamos para as estimativas. Em 2020, é esperado que a depressão seja a segunda principal causa responsável pela incapacidade mundial e em 2030 é expectável que seja a perturbação que mais contribui para o peso de uma doença (WFMH, 2012).

Para compreender melhor esta perturbação, é importante diferenciar a depressão da tristeza. Sendo que a primeira é uma perturbação e a segunda uma emoção temporária. Apesar de a distinção ser muitas vezes difícil de concretizar, a depressão é uma resposta

disfuncional e a tristeza pode ser considerada como sendo uma resposta adaptativa a um acontecimento de vida adverso (Maj, 2011, cit. por, WFMH, 2012). Isto é fácil de compreender, por exemplo no caso específico do processo de luto, em que é adaptativo o enlutado sentir tristeza pelo falecido. Contudo, se essa tristeza perdurar no tempo, o luto torna-se patológico e a este poderá estar associada uma depressão (Barbosa, 2010).

Segundo a classificação do DSM-5, um indivíduo tem depressão quando manifesta cinco ou mais dos seguintes sintomas: humor depressivo; anedonia; perturbações do sono ou apetite; diminuição da energia e vitalidade; sentimentos de culpa e de baixa autoestima; dificuldades de concentração e atenção; pensamentos recorrentes sobre a morte e agitação psicomotora ou retardação motora, por pelo menos duas semanas, e que estes sintomas representem mudanças no funcionamento prévio do indivíduo (DSM-5). Os sintomas causam sofrimento ou prejuízo no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo; os sintomas não têm origem noutras causas (indução de substâncias ou outra condição médica) e os sintomas não são melhor explicados por outros transtornos psicológicos (DSM-5). A depressão é, também, geralmente acompanhada por sintomas de ansiedade (WFMH, 2012). Os sintomas referidos anteriormente devem estar presentes todos os dias para ser considerado depressão. Geralmente a insónia e a fadiga são as principais queixas, seguidas de sintomas somáticos (DSM-5).

Existem certos fatores de risco que tornam uma pessoa mais vulnerável do que outra a vir a ter uma depressão. Passo a ilustrar esses fatores de risco: o sexo, porque a depressão é duas a três vezes mais comum nas mulheres; as desigualdades económicas, tais como a pobreza; as desigualdades sociais, tais como a baixa escolarização; alguns fatores genéticos, por exemplo se existe alguém na família com a perturbação, a pessoa é duas ou três vezes mais provável de vir a desenvolver depressão em algum momento da sua vida; a exposição à violência; estar separado ou divorciado, em quase todos os países, especialmente para os homens; e outras doenças crónicas (WFMH, 2012).

Considera-se importante continuarem a ser realizados estudos que procurem investigar esta perturbação.

1.3. Religiosidade

1.3.1. História e Definição

Para compreender como é que a Religiosidade se tornou um objeto de estudo científico na área da psicologia é essencial recuar no tempo. Desde os primórdios que o Homem sempre se preocupou em conhecer o além, o que está para lá do visível, em conhecer

e compreender a própria natureza humana. Na época antes e depois de Cristo, a Religião era utilizada para responder às perguntas mais profundas do ser (Koenig, King & Carson, 2012). Contudo, a partir de 1600dc teorias naturais começaram a substituir as explicações religiosas, e a alma imortal passou a ser reduzida à consciência e ao pensamento. Com o rápido crescimento da ciência, foram sendo criadas barreiras entre a Religião, a Ciência e a Medicina. A procura de um Deus deixou de ser necessária uma vez que a razão passou a ser a essência da natureza humana e a ciência o meio através do qual se poderia explicar o Universo (Koenig, et. al, 2012). A Religião, não sendo mensurável, palpável, de ordem material, não deveria ser alvo de estudo por transcender a realidade empírica. Foi igualmente referido que a ciência não estava apta a estudar a religião uma vez que as metodologias científicas eram inapropriadas para o estudo e compreensão dos fenómenos espirituais (Koenig, et. al, 2012). Por volta de 1850dc, com o crescimento da Medicina, nasceu a psiquiatria, como uma tentativa de responder às doenças mentais. A doença mental deixou de ser encarada como uma possessão dos demónios, e passaram a reconhecer as suas causas físicas e orgânicas. Já Mary Baker Eddy, que enfatizava a relação mente-corpo, referiu que a prática regular de oração seria capaz de curar o corpo físico. Nesta época, apesar de Jean Charcot não ser a favor da religião este utilizou explicações religiosas em casos de pacientes com histeria o que mais tarde viria a influenciar a perspetiva de Sigmund Freud sobre a Religião (Koenig, et. al, 2012). As raízes da Psicologia são a Teologia e a Filosofia, e no final do século XIX, a Psicologia começou a surgir como uma subdisciplina da Filosofia. O determinismo ganhou força e foi afirmado que todas as coisas podiam ser compreendidas pelos princípios e leis naturais da ciência. Foi também nesta altura que a Religião começou a ser estudada cientificamente, por autores como Leuba, Starbuck e William James (Koenig, et. al, 2012). Apesar dos dois últimos serem, de certa forma, a favor da mesma, Leuba afirmou que a Religião era ingénua e ilusória. Contudo, foi com a publicação do livro *“Varieties Of Religious Experience”* de James, que a Religião começou a ser vista como um tópico legítimo a ser investigado na área da psicologia (Koenig, et. al, 2012). No início do século XX, Freud descreveu as influências neuróticas e irracionais da Religião na mente humana, enquanto Carl Jung argumentou que perder uma visão religiosa da vida poderia ser a causa de muitas neuroses e distúrbios mentais (Koenig, et. al, 2012). Em 1930, enquanto a Psicologia continuava a emergir como uma ciência, distanciando-se completamente da Filosofia e da Teologia, passou a ser negligenciado tudo o que estivesse relacionado com a Religião ou a Espiritualidade (Pargament, 1999) pelo que quase nenhuma investigação foi realizada para o estudo da Religião ou da sua relação com a Saúde Mental (Koenig, et. al, 2012). Na década

de 1950, através de Gordon Allport, que procurou conhecer a maturidade da Religião, tornou-se de novo aceitável estudar a mesma (Koenig, et. al, 2012). A partir daí, começaram a ser realizados estudos isolados que procuraram investigar a relação da Religiosidade e da Saúde Mental. Em 1990 a APA dedicou uma edição inteira para “Psicoterapia e Religião” evidenciando o seu interesse e aceitação (Koenig, et. al, 2012).

Hoje em dia, existe um consenso na literatura no que se refere à definição da Religião (Koenig, et. al, 2012). A Religião é um constructo multidimensional, e envolve crenças, práticas e rituais, comportamentos e cerimónias relacionadas com o transcendente e que podem ser praticadas sozinhas ou com a comunidade; geralmente envolve o místico e o supernatural e tem símbolos específicos designados com o intuito de facilitar a relação com o transcendente e promover a cooperação e as relações sociais (Koenig, et. al, 2012). Cada Religião tem crenças específicas sobre Deus, a vida depois da morte e regras sobre como se comportar socialmente (Koenig, et. al, 2012).

1.3.2. Dimensões da Religiosidade

No seu trabalho pioneiro, Allport definiu a religiosidade como sendo constituída por dois pólos, o da religiosidade intrínseca e o da religiosidade extrínseca. A principal distinção entre ambas está relacionada com a motivação que se encontra por detrás do comportamento religioso (Allport & Ross, 1967). Enquanto a religião é o principal motivo de vida para um crente que tem uma motivação intrínseca, para os crentes que se regem de uma motivação extrínseca a religião serve como um meio para atingir outros fins não religiosos (Allport, et. al, 1967).

Este autor afirmou que a Orientação Religiosa Extrínseca, uma motivação mais imatura (Darvyri, Galanakis, Avgoustidis, Pateraki, Vasdekis & Darviri, 2014), é um tipo de religião estritamente utilitário, que providencia segurança, estatuto social, conforto, distração, apoio e autoestima. Os indivíduos com uma motivação extrínseca utilizam a religião com o intuito de satisfazerem as suas próprias necessidades, sendo os valores extrínsecos utilitários e instrumentais (Allport, et. al, 1967). Esta orientação é utilizada por indivíduos que vão a encontros religiosos e que afirmam certas ideologias religiosas com o intuito de estabelecerem ou manterem redes sociais.

Por outro lado, a Orientação Religiosa Intrínseca, uma motivação mais madura (Darvyri, et. al, 2014) privilegia a fé como um valor supremo em seu próprio direito. A religião inunda toda a vida do indivíduo com motivações e significados pelo que a religião não se limita aos interesses individuais. Assim, os indivíduos com uma motivação intrínseca

atribuem uma importância fulcral à religião e as suas próprias necessidades não constituem uma prioridade e são vividas, tanto quanto possível, em harmonia com as crenças religiosas (Allport, et. al, 1967). A fé não é apenas herdada de crenças religiosas e valores parentais mas também das próprias convicções que o indivíduo foi adquirindo ao longo da vida.

Mais tarde, Allport e Ross (1967) criaram a Escala de Orientação Religiosa baseada na teoria de Allport (1950) de que por detrás do comportamento religioso encontram-se as motivações, extrínsecas e intrínsecas (cit. por Darvyri, et. al, 2014). Um indivíduo que tenha uma pontuação elevada na Orientação Religiosa Extrínseca é mais propenso a estar em conformidade com as normas e exigências sociais e também estará mais propenso a abdicar de crenças religiosas para servir necessidades individuais (Allport, et. al, 1967). Um indivíduo que tenha uma pontuação elevada na Orientação Religiosa Intrínseca vê a religião tal como ela é, não como uma ferramenta para atingir um fim, mas como o fim em si mesma (Allport, et. al, 1967). Gorsuch e MacPherson (1983) fizeram uma revisão da escala Allport e Ross (1967) com o intuito de tornar a aplicação da escala útil para qualquer faixa etária e qualquer nível de escolaridade (cit. por Darvyri, et. al, 2014). Kirkpatrick (1989) sugeriu, com base na reanálise de alguns estudos que utilizaram a Escala de Orientação Religiosa original proposta por Allport (1950), que era necessário existir uma revisão da escala original uma vez que a escala extrínseca parecia subdividir-se em duas categorias, a extrínseca pessoal e a extrínseca social (cit. por Darvyri, et. al, 2014). Posteriormente, Gorsuch e Venable (1989) fizeram uma revisão da antiga revisão (1983) com o intuito de encontrar essas duas dimensões. A reanálise confirmou a existência dos dois fatores propostos por Kirkpatrick. A religiosidade extrínseca pessoal foi categorizada como sendo uma fonte de conforto e segurança e a religiosidade extrínseca social centrada nos ganhos a nível social (cit. por Darvyri, et. al, 2014).

1.4.Relação entre Depressão e Religiosidade

De modo a compreender melhor a relação que se pretende estudar entre a Depressão e a Religiosidade, coloca-se a seguinte questão: até que ponto a religiosidade pode ajudar uma pessoa a lidar com um acontecimento de vida stressante - a situação de desemprego neste caso - sem desenvolver sintomas depressivos, ou seja, se a religiosidade pode atuar como um fator protetor.

Embora existam estudos que comprovem que a religiosidade pode diminuir a sintomatologia depressiva, parece ser a religiosidade intrínseca responsável por esse fenómeno (Balbuena, Baetz & Bowen, 2013; Darvyri, et. al, 2014). A orientação religiosa

intrínseca parece ser um fator protetor quando se aborda a doença mental enquanto a orientação religiosa extrínseca parece ser um fator de risco para a mesma (Hunter & Merrill, 2013; cit. por Darvyri, et. al, 2014). Kuyel, Cesur e Ellison (2012; cit. por Darvyri, et. al, 201; Smith, McCullough & Poll, 2003) concluíram que a orientação religiosa extrínseca está associada com um aumento significativo de hostilidade, ansiedade e depressão. Noutro estudo evidenciou-se que os indivíduos que têm uma orientação religiosa intrínseca tendem a reportar menor reatividade da pressão arterial perante fatores de *stress* em comparação com os indivíduos que adotam uma orientação religiosa extrínseca (Powell, Shahabi, & Thoreson, 2003; cit. por Darvyri, et. al, 2014).

Durante situações de vida stressantes, a religião pode ser uma fonte de conforto, apoio e esperança (Saleh & Brockopp, 2001, cit. por Burker et. al., 2004) e funcionar como uma estratégia de *coping* (Koenig, et. al, 2012) tendo a religião sido citada como o recurso adaptativo mais utilizado face a eventos de vida stressantes (Pargament, 1997, cit. por Burker et. al, 2004). Num estudo constatou-se que é mais provável um indivíduo recorrer à religião como uma estratégia de *coping* quando este é confrontado com uma situação de vida incontrollável e stressante (Miner & McKnight, 1999, cit. por Burker et. al., 2004) e que utilizar a religião como uma estratégia de *coping* parece surgir quando a situação de vida ultrapassa o limite dos recursos internos e externos apenas para os indivíduos que já tinham uma orientação religiosa à partida (Fox, 2002, cit. por Burker et. al., 2004). Num estudo realizado em 11 Países da Europa, descobriu-se que o grau de religiosidade e compromisso com a religião tem influência no surgimento de sintomas depressivos (Braam, Van den Eeden, Prince, Beekman, Kivela, Lawlor & Copeland et, 2001). As evidências deste estudo mostram que as mulheres mais velhas, pertencentes a países católicos e que iam regularmente à igreja, reportaram menos sintomas depressivos e que os homens mais velhos pertencentes a Países Protestantes apresentaram níveis mais elevados de sintomas depressivos (Braam et al. 2001). Verifica-se que não é o facto de se afirmar ser religioso, mas sim o compromisso e o envolvimento que se tem com a religião que exerce influência no bem-estar do indivíduo. O envolvimento religioso e o compromisso com a religião estava moderadamente associado com uma melhoria na saúde mental, e dentro dessa melhoria incluiu-se uma diminuição das consequências adversas de situações de vida stressantes e uma menor ocorrência de sintomas depressivos (Mela, Marcoux, Baetz, Griffin, Angelski & Deqiang, 2008; Smith, et. al, 2003) um aumento do bem-estar psicológico, diminuição de sentimentos de desesperança e perda de controlo (Burker, et. al. 2004). Num estudo de meta-análise com 98.975 participantes, constatou-se que um maior envolvimento com a religião estava moderadamente associado

com menos sintomas depressivos (Smith et. al., 2003). Por outro lado, constatou-se que as mulheres que já tinham tido um episódio depressivo major precoce eram mais prováveis de parar de frequentar serviços religiosos do que as mulheres que nunca tinham tido um episódio depressivo major ou que apenas o tiveram tardiamente (Maselko, Hayward, Hanlon, Buka & Meador, 2012). Neste estudo concluiu-se que as mulheres são mais propensas a parar de frequentar serviços religiosos após o início de uma depressão enquanto para os homens não foi encontrada nenhuma associação significativa (Maselko, et. al, 2012).

Na literatura, é possível encontrar uma relação entre a sintomatologia depressiva e a religiosidade em vários estudos, sugerindo que a religiosidade pode funcionar como fator protetor do aparecimento de sintomas depressivos (Balbuena, et. al. 2013; Burkner, et. al, 2004; Ferraro, et. al, 2000; Koenig, et. al, 2012).

1.5. Meia-idade e Desemprego

Tal como foi referido no capítulo da introdução, é provável que o desemprego tenha um impacto diferente em função do período de vida. Decidiu-se estudar um período de vida específico, o da meia-idade, por se considerar interessante compreender como é que as pessoas que se encontram neste período de vida encaram a vivência do desemprego, tendo por base a referência de outros estudos que afirmam que esta é uma população que está em maior risco do que as outras.

O período de vida da meia-idade engloba três décadas. Spiro III afirma que este começa a partir dos 35 anos e Stewart e Ostrove (1998) afirmam que termina aos 65 anos (cit. por Fagulha, 2005). Quando os autores falam sobre o período da meia-idade, frequentemente o classificam como sendo um período de vida transformador, de revisão e mudança. Uma das maiores revisões de vida que podem ocorrer durante este período é o indivíduo aperceber-se da própria finitude da vida agora de uma outra forma, uma vez que este ganhou maior interioridade devido à experiência pessoal (Ravena Helson, cit. por Fagulha, 2005).

As mudanças desenvolvimentais que ocorrem ao longo da vida, implicam experiências de transição/adaptação e estas mudanças são suscetíveis de provocar uma reestruturação ou reordenação de objetivos de vida, modificação da percepção de si mesmo e do mundo, maior consciência de si e o desenvolver do próprio potencial e o potencial dos outros (Hoffman, Paris & Hall, 1994, cit. por Fonseca, 2004). Um acontecimento de vida não esperado, em que a sua ocorrência era de todo imprevista ou não planificada, tal como o desemprego, um acontecimento que naturalmente exige transição e adaptação, pode provocar situações de *stress* e desencadear novos padrões de vida que serão resolvidos através de

esforços pessoais adaptativos caso o indivíduo os possua (Schlossberg, 1981, cit. por Fonseca, 2004). A vivência da situação de desemprego implica naturalmente uma perda, e acontecimentos relacionados com perdas podem constituir novos e sérios desafios para os indivíduos que se encontram na fase da meia-idade, contudo, o confronto com estas perdas também pode ser visto como um período de transformação e desenvolvimento da sabedoria (Fagulha, 2005). Com efeito, as transições e as crises são frequentemente uma condição essencial para o desenvolvimento psicológico. Os episódios stressantes da vida podem enriquecer as crenças e os valores da pessoa, tornando indispensável a assimilação de novas experiências. Este processo pode promover a integração cognitiva e estimular o crescimento pessoal, ajudando o indivíduo a lidar com os aspetos problemáticos da nova situação. As crises suscitam o desenvolvimento de novas competências pessoais, competências essas que são necessárias para que se verifique uma efetiva adaptação (Moos&Schaefer, 1986, citado por Fonseca, 2004). Erikson (2000) foi um dos autores que abordou o período da meia-idade como um período de crise e transformação. Para este autor o desenvolvimento do ser humano evolui em oito estádios. Um dos mais extensos estádios psicossociais de Erikson é o estágio 7 e pode ser entendido como o estágio da meia-idade (Erikson, 2000). Neste estágio, denominado de generatividade vs estagnação, existem algumas preocupações inerentes ao indivíduo que são um reflexo do período de vida em que este se encontra. Como a vontade de saber como será o seu futuro; se será bem-sucedido na sua vida afetiva e profissional; se conseguirá construir algo com verdadeiro valor; se conseguirá contribuir para o bem-estar dos outros e o desejo de saber como será o seu próprio processo de envelhecimento (Erikson, 2000). Este estágio mostra-nos que o indivíduo pode encarar o período de vida da meia-idade de duas formas: gerando vida, produtos e ideias ou estagnando e não evoluindo. Constata-se que a crise pode ser entendida como um período de desequilíbrio relativamente curto, onde é exigido ao indivíduo que este encontre novas formas de lidar com o problema de forma a voltar ao estado de equilíbrio (Schlossberg, 1981, cit por Fonseca, 2004). No período da meia-idade, a crise pode ser vista como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, decorrente da tomada de consciência do tempo limitado, da finitude da própria vida (Fagulha, 2005).

A meia-idade representa o pico da carreira profissional e um indivíduo que esteja desempregado neste período de vida poderá representar um estigma para a sociedade comparativamente aos desempregados mais jovens (Kulik, 2000) ou mais velhos. Não ter um trabalho pode ser muito vergonhoso, inaceitável e estigmatizante. As pessoas desempregadas durante este período de vida poderão ter fortes sentimentos de impotência, inferioridade e

indignidade pessoal. Uma vez que a meia-idade é uma fase de vida que, só por si, exige grandes mudanças e transformações, vista como um período de transição, onde pode ocorrer maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente depressão, aquando a vivência do desemprego esta população poderá ser considerada de risco. Estudos anteriores reportam que a situação de desemprego aumenta os sintomas de depressão, portanto seria interessante compreender como é que os indivíduos de meia-idade vivem esta situação.

Num estudo realizado em Portugal, constatou-se que as causas de maior debilidade nos desempregados de meia-idade portugueses são as seguintes: baixo nível de escolaridade e/ou fraca/desajustada qualificação profissional e a imposição de um limite de idade como uma condição restritiva de acesso ao mercado de emprego (Ribeiro & Coimbra, s.d.). O baixo nível de escolaridade e a falta de preparação técnico-profissional de muitos desempregados de meia-idade contribuem para que a adaptação aos processos de modernização tecnológica ou administrativa sejam mais difíceis. As experiências acumuladas ao longo de uma carreira profissional tornam-se desadequadas ou obsoletas para estes desempregados, pelo que as empresas acabam por substituí-los por trabalhadores mais novos, não os contratam quando estes estão disponíveis ou desqualificam o seu trabalho (Ribeiro & Coimbra, s.d.). Hoje em dia muitas empresas procuram pessoas jovens e as pessoas com idades superiores a 40 anos acabam por ser discriminadas (Ribeiro & Coimbra, s.d.). A introdução da idade como critério regulador de acesso ao mercado de trabalho é por isso um dos obstáculos que esta população específica enfrenta.

Num estudo realizado em Israel averiguou-se que os desempregados de meia-idade são mais sensíveis aos efeitos negativos do desemprego e são os que passam mais tempo à procura de um emprego (Kulik, 2001). O resultado deste estudo suporta a evidência de que os desempregados têm mais dificuldade em encontrar um emprego devido à idade e à falta de competências tecnológicas (Kulik, 2001).

1.6. Relação entre Depressão, Religiosidade e Desemprego

Na literatura existente, não foi encontrado nenhum estudo que correlacione diretamente as variáveis depressão, religiosidade e desemprego. Enquanto muitos estudos relacionam a variável depressão com a variável religiosidade, ou a variável depressão com a variável desemprego, e menos estudos relacionam a variável desemprego com a variável religiosidade, existe uma lacuna na literatura no referente à relação entre as três variáveis no seu conjunto. Face a esta inexistência de estudos, resolveu-se estudar a vivência do

desemprego, de modo a compreender se existe uma relação entre este e as outras duas variáveis em estudo.

Capítulo 2 – Objetivos e Hipóteses do Estudo

O principal objetivo deste estudo será o estudar da,

Vivência da situação de Desemprego procurando encontrar uma relação entre este e as variáveis - Manifestação de Sintomatologia Depressiva e Religiosidade (Intrínseca e Extrínseca). Para isso, procura-se compreender se a vivência do desemprego pode ser um fator de risco para a ocorrência de sintomas depressivos e se, neste contexto específico, a religiosidade pode funcionar como um fator protetor. Parte-se do pressuposto de que certos aspetos da vivência do desemprego poderão ser diferentes em homens e mulheres por isso serão estudadas as diferenças de género em relação com as três variáveis em estudo.

Os objetivos específicos do estudo são os seguintes: Avaliar a prevalência de sintomatologia depressiva em pessoas desempregadas da ilha da Madeira entre os 40 e os 65 anos; Estudar o eventual efeito da religiosidade e da atitude face ao desemprego sobre a ocorrência de sintomatologia depressiva; Estudar o eventual efeito do tempo de desemprego e de receber/não receber subsídio de desemprego sobre a ocorrência de sintomatologia depressiva; Estudar a possível relação entre a religiosidade (intrínseca e extrínseca) e a atitude face ao desemprego e também a possível relação entre envolvimento religioso e a atitude face ao desemprego, a manifestação de sintomatologia depressiva e a orientação religiosa; Estudar a diferença entre homens e mulheres na atitude face ao desemprego; Estudar a diferença entre homens e mulheres no eventual efeito da religiosidade, da prática religiosa e da atitude face ao desemprego sobre a ocorrência de sintomatologia depressiva; Estudar a influência de determinadas variáveis sociodemográficas na ocorrência de sintomatologia depressiva.

Torna-se possível delinear as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre a pontuação obtida na subescala derrota avaliada com o Questionário de Experiência Subjetiva de Desemprego e a manifestação de sintomatologia depressiva avaliada com a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

Esta hipótese foi colocada com base noutros estudos onde se demonstrou que o desemprego pode aumentar os níveis de sintomatologia depressiva (Frese, et. al, 1987).

Hipótese 2: Espera-se encontrar uma correlação negativa entre a religiosidade intrínseca medida com a Escala de Orientação Religiosa - R e a manifestação de sintomatologia depressiva avaliada com a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

Colocou-se esta hipótese com base noutros estudos onde se demonstrou que a religiosidade intrínseca está associada com melhor saúde física e mental (Balbuena, et. al, 2013; Darvyri, et. al, 2014).

Hipótese 3: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre a religiosidade extrínseca medida com a Escala de Orientação Religiosa - R e a manifestação de sintomatologia depressiva avaliada com a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

Colocou-se esta hipótese uma vez que noutros estudos a orientação religiosa extrínseca esteve associada com um aumento significativo de depressão (Kuyel, Cesur e Ellison, 2012; cit. por Darvyri, et. al, 2014).

Hipótese 4: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre o tempo de desemprego e a manifestação de sintomatologia depressiva avaliada com a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

Esta hipótese foi colocada com base noutros estudos onde se averiguou que um dos efeitos psicológicos do desemprego a longo prazo é o aparecimento de sintomas depressivos (Artazcoz, et. al, 2004; Kulik, 2001; Moorhouse, et. al, 2007).

Hipótese 5: Espera-se encontrar uma correlação positiva entre não receber subsídio de desemprego e a manifestação de sintomatologia depressiva avaliada com a Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos.

Esta hipótese teve por base a evidência de estudos anteriores onde se constatou que não receber subsídio de desemprego esteve associado com pior saúde mental (Artazcoz, et. al, 2004).

Neste estudo procurar-se-á explorar a possível relação entre a orientação religiosa e a atitude face ao desemprego dado que foi evidenciado noutros estudos que a afiliação religiosa poderia moderar os efeitos negativos do desemprego (Shams, et. al, 1993). Também será estudada a possível relação entre envolvimento religioso e a atitude face ao desemprego, a manifestação de sintomatologia depressiva e a orientação religiosa.

Para os objetivos do estudo, pretende-se igualmente explorar os dados a fim de perceber se existem diferenças entre homens e mulheres no respeitante: à atitude face ao desemprego e ao efeito da religiosidade, da prática religiosa e da atitude face ao desemprego sobre a manifestação de sintomatologia depressiva.

Procurar-se-á, por fim, aprofundar o conhecimento no que diz respeito à influência de determinadas variáveis sociodemográficas na intensidade da manifestação de sintomatologia depressiva. Uma vez que foi evidenciado noutros estudos que determinadas variáveis sociodemográficas, tais como, a idade, o estado civil, o nível de escolaridade e o nº de filhos a cargo podem influenciar a intensidade da sintomatologia depressiva, verificar-se-á se estas relações existem no presente estudo.

Capítulo 3 – Metodologia

3.1. Participantes

A amostra estudada é uma amostra de conveniência composta por 43 participantes oriundos da Ilha da Madeira residentes no Concelho do Funchal. Os critérios de inclusão foram o género, a idade, compreendida entre os 40 e os 65 anos, que estivessem desempregados e residissem no Arquipélago da Madeira. O recrutamento foi realizado através da colaboração do Clube de Emprego da Nazaré e da Paróquia da Nazaré.

O Clube de Emprego da Nazaré tem como entidade enquadradora a IHM (Investimentos Habitacionais da Madeira), que por sua vez é creditada e apoiada pela Secretária Regional dos Assuntos Sociais, através do Instituto de Emprego da Madeira. É um serviço gratuito, que tem como objetivo apoiar a população local na resolução dos seus problemas de inserção profissional. Neste sentido, presta apoio e acompanhamento personalizado, através de um Psicólogo Clínico, aos jovens e adultos desempregados na sua inserção/reinserção no mundo do trabalho. As atividades desenvolvidas neste âmbito são sessões de Técnicas de Procura Ativa de Emprego, individuais ou de grupo, e recolha e divulgação de oportunidades de emprego e formação profissional.

A Paróquia da Nazaré pertence à Diocese do Funchal. Nesta paróquia realizam-se batismos; matrimónios; crismas; eucaristias e anualmente catequeses. É uma paróquia com uma densidade populacional muito elevada, por exemplo, entre 2000 e 2005 teve uma média anual de cem batismos. A Igreja Paroquial presta apoio social a 136 famílias correspondendo a 482 pessoas. Os tipos de apoio que presta são apoios económicos; alimentares; vestuário;

curios e visitas domiciliárias. Em colaboração com o Clube de Emprego da Nazaré e outras entidades, a Paróquia da Nazaré realiza cursos de procura ativa de emprego.

3.1.1. Caracterização Sociodemográfica da amostra

Dos 43 participantes, 31 são do sexo feminino (72.09%) e 12 do sexo masculino (27.91%). As idades variam entre 40 e 62 anos ($M = 51.26$; $DP = 6.40$). A grande maioria dos participantes estão casados (53.49%) e têm como grau académico o Ensino Básico (23.26%). A média do número de filhos é $M = 2.44$ ($DP = 2.10$), 20.93% dos participantes não têm filhos e 79.07% têm filhos, destes 60.47% ainda os tem a cargo. A maioria dos participantes 53.49% vive com o cônjuge ou com o cônjuge e filhos (55.81%) e 25.58% vivem sozinhos.

A média em meses do tempo em que os participantes estão desempregados é $M = 64.74$ meses ($DP = 70.36$), com tempo mínimo de 4 meses e máximo de 264 meses. A maioria dos participantes está desempregado há mais de 12 meses (84.6%). Relativamente ao tempo que os participantes recebem subsídio de desemprego, a média é $M = 21.28$ meses ($DP = 14.06$), com tempo mínimo de 4 meses e máximo de 49 meses. Dos 43 participantes apenas 49.1% ainda recebe o subsídio de desemprego, desses 66.6% recebe-o há mais de 12 meses. Para os participantes que já estão há muito tempo desempregados, a média do tempo que estes recebem subsídio social de desemprego é $M = 43.50$ meses ($DP = 56.72$), com tempo mínimo de 6 meses e máximo de 180 meses. Dos 25 participantes que já não recebem o subsídio de desemprego, 87.5% já não o recebe há mais de 12 meses porque passaram a receber o subsídio social de desemprego (87.5%)

As restantes características sociodemográficas são resumidas no Quadro 1.

Quadro 1

Características Sociodemográficas da amostra (n=43)

Variável	Categorias	n	%
Sexo	Masculino	12	27.9
	Feminino	31	72.1
Idade	40 aos 47	14	32.6
	48 aos 54	15	34.8
	55 aos 62	14	32.6
Estado Civil	Solteiro	10	23.3
	Casado	23	53.5

	Divorciado	7	16.3
	Viúvo	3	7.0
	Ausência de Escolaridade	2	4.7
	1º Ciclo incompleto	6	14.0
Nível de Escolaridade	1º Ciclo	10	23.3
	2º Ciclo	7	16.3
	3º Ciclo	7	16.3
	Secundário	6	14.0
	Curso Superior	5	11.6
	Nenhum	9	20.9
	Um	5	11.6
	Dois	12	27.9
Nº de Filhos	Três	6	14.0
	Quatro	5	11.6
	Cinco	3	7.0
	Sete	2	4.7
	Nove	1	2.3
	Nenhum	17	39.5
	Um	8	18.6
	Dois	9	20.9
Nº de Filhos a cargo	Três	4	9.3
	Quatro	3	7.0
	Cinco	1	2.3
	Nove	1	2.3
	Desemprego de Curta duração < 12 meses	6	15.4
Tempo de Desemprego	Desemprego de Longa duração > 12 meses	33	84.6
Recebe Subsídio de Desemprego	Sim	18	49.1
	Não	25	58.1
Tempo que recebe Subsídio de Desemprego	< 12 meses	6	33.3
	> 12 meses	12	66.6

Tempo que não recebe Subsídio de Desemprego	< 12 meses	1	12.5
	> 12 meses	7	87.5
Recebe Subsídio Social de Desemprego	Sim	8	18.6
	Não	35	81.4
Tempo que recebe Subsídio Social de Desemprego	< 12 meses	1	12.5
	> 12 meses	7	87.5

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

Para esta investigação foi elaborado um questionário (Consultar Anexo II) que recolheu as seguintes informações: Sexo; Idade; Estado Civil; Habilitações escolares; Profissão antes de estar desempregado; Nº de Filhos e Nº de Filhos a cargo; Atualmente vive com (...); Tempo de Desemprego; Subsídio de Desemprego e Subsídio Social de Desemprego.

3.2.2. Questionário de Prática Religiosa

Foi utilizado este questionário para caracterizar a amostra, do ponto de vista da prática religiosa e do nível de envolvimento religioso: com que frequência a pessoa vai à igreja para missa ou outra cerimónia religiosa; se reza, se comunga, se confessa e se participa noutras atividades da Paróquia. Os resultados obtidos nos vários itens foram convertidos numa Escala de Prática Religiosa.

Fez-se a análise de confiabilidade da escala resultante da soma das respostas dicotomizadas, resultando um Alfa de *Cronbach* de .62. A escala apresenta um valor médio de 9.77 e um desvio-padrão de 2.52.

3.2.3. Questionário de Experiência Subjetiva de Desemprego

Traduziu-se e adaptou-se, com o consentimento dos autores Monica Forret, Sherry Sullivan e Lisa Mainiero (2010) o questionário com o intuito de compreender como é que os desempregados encaram a situação de desemprego. Os itens do questionário são divididos em dois fatores: encarar o desemprego como algo positivo (subescala oportunidade) ou encarar o desemprego como algo negativo (subescala derrota). A subescala derrota inclui os itens 1, 3, 6, 7 e 9 e a subescala oportunidade os itens 2, 4, 5 e 8. Uma vez que os itens 2, 4, 5 e 8 são itens positivos estes são pontuados com gradação inversa. As respostas são dadas numa

escala de Likert de 5 pontos com as seguintes opções: 1-“Discordo totalmente”, 2-“Discordo”, 3-“Neutro”, 4-“Concordo” e 5-“Concordo totalmente” (Forret, Sullivan & Mainiero, 2010).

Fez-se a análise de confiabilidade da escala total resultando um Alfa de *Cronbach* de .69 (Consultar Anexo III, Quadro 2). O alfa de *Cronbach* da subescala derrota é .66 sendo um resultado aceitável. Nesta subescala, a análise das correlações de cada item com todos os outros (correlação item-total) deu maus resultados para o item 5 (Consultar Anexo III, Quadro 2 e 3). Quando se exclui o item 5 o Alfa de *Cronbach* sobe para .73 e as correlações dos outros itens com o total são boas (Consultar Anexo III, Quadro 4). Relativamente à subescala oportunidade, o Alfa de *Cronbach* é .43, pelo que este resultado não é aceitável e as correlações dos itens com o total também são baixas (Consultar Anexo III, Quadro 2 e 5). Esta subescala coloca dúvidas quanto à consistência interna e aos resultados obtidos. Excluindo o item 4, o Alfa de *Cronbach* sobe para .46, continuando ainda assim a ser fraco (Consultar Anexo III, Quadro 5). Decidiu-se excluir o item 4 da escala final devido à baixa correlação deste item com o total (-.00) e porque eliminando este item aumentamos a confiabilidade da Subescala Oportunidade, apesar desta ficar com 3 itens apenas (Consultar Anexo III, Quadro 6 e 7). Uma das explicações para a baixa correlação do item 4 prende-se com o facto do indivíduo desempregado ter que se posicionar numa perspetiva otimista quanto ao futuro - “Sinto-me entusiasmado com a possibilidade de novas oportunidades e desafios”. Da análise de confiabilidade da escala final resultou um Alfa de *Cronbach* de .72 e as correlações dos itens são todas superiores a .28. Não se eliminou o item 5 porque o valor do alfa de *Cronbach* ficaria mais baixo do que o atual. A escala final apresenta um valor médio de $M = 26.24$ ($DP = 6.72$).

3.2.4. Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D)

Para a avaliação da Sintomatologia Depressiva foi utilizada a Versão Portuguesa (Gonçalves & Fagulha, 2004) “Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos, CES-D”, da Depression Scale do Center for Epidemiologic Studies do National Institute of Mental Health (EUA), desenvolvida por Radloff (1977). A escala, designada para investigações epidemiológicas é composta por 20 itens que questionam como a pessoa se pode ter sentido ou reagido nos últimos 7 dias anteriores à entrevista. É avaliada a frequência da ocorrência dos sintomas depressivos através de uma escala de 4 pontos crescentes de intensidade - Nunca ou muito raramente (0); Ocasionalmente (1); Com alguma frequência (2) e Com muita frequência ou sempre (3). Uma vez que os itens 4, 8, 12 e 16 são itens positivos

estes são pontuados com gradação inversa. O resultado final da escala CES-D varia entre 0 a 60 pontos e corresponde à soma da pontuação de todas as respostas. Note-se que quanto maior for o resultado total, maior será a sintomatologia depressiva. O ponto de corte, sugerido para a população portuguesa, entre a presença e ausência de depressão é de 20 valores e deve ser tida em conta a probabilidade de depressão clínica em sujeitos que apresentem resultados iguais ou superiores a 20 (Gonçalves & Fagulha, 2003). No presente estudo foram encontradas boas propriedades psicométricas com um valor elevado de Alfa de *Cronbach* (.89).

3.2.5. Escala de Orientação Religiosa - R

Utilizou-se a versão portuguesa (Linares, 2009) da 'Age Universal' I/E R Scale (Gorsuch & McPherson, 1989) como instrumento para medir a orientação religiosa. A 'Age Universal' I/E-R desenvolvida por Gorsuch & McPherson (1989) é uma medida de religiosidade baseada nos conceitos de motivação religiosa intrínseca e extrínseca, postulados por Allport e Ross (1967). Dos 14 itens da escala, oito itens (1, 3, 4, 5, 7, 10, 12 e 14) correspondem à religiosidade intrínseca, três itens (6, 8 e 9) à religiosidade extrínseca pessoal e três itens (2, 11 e 13) à religiosidade extrínseca social. As respostas são dadas numa escala de Likert de 5 pontos em que 1-"Discordo totalmente", 2-"Discordo em parte", 3-"Não tenho a certeza", 4-"Concordo em parte" e 5-"Concordo totalmente".

Para verificar a consistência interna da EOR-R, o Alfa de *Cronbach* foi calculado em três fatores. O Alfa de *Cronbach* da subescala religiosidade intrínseca é .65. Quanto à subescala religiosidade extrínseca pessoal o Alfa de *Cronbach* é .81 e .90 para a subescala religiosidade extrínseca social.

3.3. Procedimento

A amostra da população em estudo foi obtida de acordo com os critérios definidos no separador "Participantes".

A recolha da amostra foi realizada no mês de Fevereiro de 2015. Com a colaboração da Paróquia da Nazaré, foi realizado um telefonema a todas as famílias que tinham pelo menos uma pessoa no agregado familiar desempregada e com idade superior a 40 anos e inferior a 65 anos, com o intuito de saber se poderiam participar no projeto de investigação. No telefonema foi dito às pessoas que no dia 25 de Fevereiro de 2015 entre as 9h - 12h poderiam aparecer na Paróquia. Uma sala com mesas, cadeira e quadro foi guardada especialmente para a aplicação dos questionários. Das 53 pessoas disponíveis, 29 aceitaram

participar no estudo e apenas 22 compareceram. Quando os participantes chegaram, receberam o consentimento informado (consultar Anexo I) onde foi referida a natureza e objetivos do estudo e assegurado o anonimato e confidencialidade dos dados. Aos participantes iletrados foi lido em voz alta o consentimento informado e explicado através de uma linguagem mais simples. A maior parte dos questionários foram preenchidos com a ajuda da investigadora porque esta verificou existirem algumas limitações por parte dos participantes no que diz respeito às competências de leitura e/ou escrita e compreensão das questões. Apenas alguns participantes conseguiram preencher os questionários autonomamente pelo que a investigadora teve um papel ativo durante a aplicação dos mesmos. Durante os dias 24 e 27 de Fevereiro de 2015, a investigadora, em colaboração com a Psicóloga do serviço, esteve presente no Clube de Emprego da Nazaré a aguardar a chegada dos utentes que tinham que apresentar a carta quinzenal. Durante 3 dias foram aplicados 21 questionários. Antes de participarem, foi perguntado se estariam interessados em participar num estudo e que idade tinham, aos que reuniam os critérios de inclusão, foi entregue o consentimento informado e posteriormente os questionários. Os participantes pertencentes ao Clube de Emprego também necessitaram da ajuda da investigadora pelo que esta teve um papel ativo.

3.4. Análise Estatística

Os dados recolhidos foram analisados com recurso ao *software IBM SPSS Statistics 21.0*. Dado o reduzido tamanho da amostra, fez-se o estudo da normalidade da distribuição dos dados, tendo-se verificado que as variáveis não tinham, na generalidade, uma distribuição normal, pelo que se optou pela aplicação de testes não paramétricos. Assim sendo, foram aplicados os testes de correlação de *Pearson* e os testes de *Mann-Whitney*. Contudo, foi utilizado o teste-*t* para igualdade de médias para as diferenças entre grupos.

Capítulo 4- Resultados

4.1. Estatística Descritiva dos Instrumentos

Dos participantes inquiridos, **88.09%** são católicos. Desses, 35.71% são praticantes e **52.38%** consideram-se católicos não praticantes. 7.14% dos participantes referem não ter nenhuma religião; 2.38% são cristãos não católicos e 2.38% referem ser de outra religião. Nesta amostra, a média da pontuação global na Escala de Prática Religiosa é $M = 9.77$ ($DP = 2.52$).

A maioria dos participantes **84.62%** encontra-se no desemprego de longa duração e 15.38% no desemprego de curta duração. Dos 84.62% de desempregados a longo prazo, **75.75%** pertencem ao sexo feminino para 24.24% do sexo masculino. Dos 15.38% de desempregados a curto prazo, 50% são mulheres e os outros 50% são homens. A média de pontuação global obtida para as atitudes face ao desemprego é $M = 26.24$ ($DP = 6.72$). A média de pontuação obtida para a subescala derrota é $M = 17.24$ ($DP = 5.54$) e na subescala oportunidade a média de pontuação obtida é $M = 8.76$ ($DP = 3.06$).

Verificou-se que nesta amostra a média de pontuação global obtida para sintomatologia depressiva é $M = 21.03$ ($DP = 11.99$). A pontuação mínima na escala é 2 e a máxima 47. Cerca de metade (**47.62%**) dos participantes apresenta uma pontuação igual ou superior ao ponto de corte 20 na escala CES-D, que é o ponto de corte sugerido para a população portuguesa. A partir deste valor deve considerar-se a possibilidade de existência de alguma forma de perturbação depressiva. **63.33%** das mulheres apresenta uma pontuação na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 para 8.33% dos homens.

Relativamente à orientação religiosa intrínseca e extrínseca, a média de pontuação global obtida é $M = 18.76$ ($DP = 6.38$) e $M = 19.29$ ($DP = 5.92$) respetivamente (Consultar Quadro 8 para uma análise detalhada da Estatística Descritiva dos Instrumentos).

Quadro 8

Estatística descritiva dos Instrumentos

Instrumentos	N	M	DP	Mín	Máx	N. Itens
EPR	43	9.77	2.52	6	16	6
QESD-Total	40	26.24	6.72	9	36	8
S. Derrota	38	17.24	5.54	6	25	5
S. Oportunidade	37	8.76	3.06	3	15	3
CES-D	42	21.03	11.99	2	47	20
EOR-R	42	38.05	5.80	29	57	14
ORI	42	18.76	6.38	8	40	8
ORE	42	19.29	5.92	6	30	6
OREP	42	12.69	3.02	3	15	3
ORES	42	6.60	4.22	3	15	3

4.5. Teste das Hipóteses

Realizou-se uma primeira análise em que a variável atitude face ao desemprego foi relacionada com a variável sintomatologia depressiva através do método da correlação de

Pearson. Foi encontrada uma correlação forte, ao nível de significância 0.01 ($r = .67$; $p\text{-value} = .00$) entre a subescala derrota e a sintomatologia depressiva. O mesmo não se verificou entre a subescala oportunidade e a sintomatologia depressiva ($r = .04$; $p\text{-value} = .81$). Apesar de ter sido encontrada uma correlação significativa, ao nível de significância 0.01 ($r = .56$; $p\text{-value} = .00$) entre a pontuação global obtida no QESD e a sintomatologia depressiva, estes resultados não serão utilizados uma vez que a escala total manifestou problemas quanto à sua confiabilidade e validade.

Numa segunda análise procurou-se relacionar a variável orientação religiosa com a variável sintomatologia depressiva através do método da correlação de *Pearson*. Foi encontrada uma correlação significativa, ao nível de significância 0.05 ($r = .35$; $p\text{-value} = .02$) entre a orientação religiosa extrínseca e a sintomatologia depressiva. Foi encontrada outra correlação significativa, ao nível de significância 0.05 ($r = .35$; $p\text{-value} = .02$) entre a orientação religiosa extrínseca pessoal e a sintomatologia depressiva. Não foram encontrados outros resultados estatisticamente significativos relativamente à comparação da variável orientação religiosa com a variável sintomatologia depressiva. Os resultados parecem sugerir a existência de uma correlação negativa entre a orientação religiosa intrínseca e a sintomatologia depressiva mas o valor observado não é significativo ($r = -.28$; $p\text{-value} = .07$). Para compreender se manifestação de sintomatologia depressiva é maior nos participantes que adotam uma ORI ou uma ORE, realizou-se o seguinte procedimento: foram contados os participantes que adotaram uma ORI e foi verificado nesses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para a ORE. **26.32%** dos participantes que adotaram uma orientação religiosa intrínseca apresentam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 enquanto a maior parte dos participantes (**63.63%**) que adotaram uma orientação religiosa extrínseca apresentam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20. A fim de averiguar se as diferenças na manifestação de sintomatologia depressiva consoante a dimensão religiosa adotada são estatisticamente significativas, realizou-se um teste-*t* de igualdade de médias (Consultar Quadro 9). Verificou-se que a diferença entre adotar uma orientação religiosa intrínseca ou extrínseca e manifestar um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 é estatisticamente significativa, $t(41) = -2.61$; $p\text{-value} = .01$ ao nível de significância 0.05.

Quadro 9

Comparação entre participantes que adotaram uma orientação religiosa intrínseca ou extrínseca e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias

	Orientação Religiosa	N	M	DP	t	Sig.
CES-D	Extrínseca	22	24.81	13.39	-2.61	.01*
	Intrínseca	19	15.76	7.44		

*. A correlação é significativa no nível 0.05.

Numa terceira análise procurou-se relacionar o tempo de desemprego e receber/não receber subsídio de desemprego com a variável sintomatologia depressiva. Para analisar a influência da variável tempo de desemprego na manifestação de sintomatologia depressiva, procurou-se dividir a amostra em dois grupos. O grupo dos desempregados de curta duração (CD) e o grupo dos desempregados de longa duração (LD). Verificou-se que, no grupo dos desempregados de curta duração a média de pontuação global obtida na CES-D é $M = 16.50$ ($DP = 10.11$) e para o grupo dos desempregados de longa duração a média de pontuação global obtida é $M = 21.29$ ($DP = 12.42$). Para compreender se a duração do desemprego influencia a manifestação de sintomatologia depressiva foi realizado o seguinte procedimento: foram contados os participantes que estavam no desemprego de longa duração e foi verificado entre esses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes que se encontram no desemprego de curta duração. Constatou-se que **33.33%** dos participantes que se encontram no desemprego de CD apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20 na escala CES-D e **48.48%** dos participantes que se encontram no desemprego de LD apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20. Estes resultados sugerem uma maior presença de sintomatologia depressiva nos participantes que se encontram no desemprego de longa duração. Com o intuito de verificar a significância estatística da diferença existente entre os dois grupos quanto à manifestação de sintomatologia depressiva foi realizado um teste-t de igualdade de médias (Consultar Quadro 10). Verificou-se que, apesar dos participantes que estão desempregados há 12 meses ou mais ($n=33$) apresentarem uma pontuação média na escala CES-D superior à dos participantes que estão desempregados há menos de 12 meses ($n=6$), essa diferença não é estatisticamente significativa, $t(39) = .89$; $p\text{-value} = .38$ ao nível de significância 0.05.

Quadro 10

Comparação entre desemprego de longa duração e desemprego de curta duração com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias

	Tempo de Desemprego	N	M	DP	t	Sig.
CES-D	Longa duração	33	21.29	12.42	.89	.38
	Curta duração	6	16.50	10.11		

Para os objetivos do estudo, a amostra foi igualmente dividida em dois outros grupos, o grupo dos que recebem o subsídio de desemprego e o grupo dos que não recebem o subsídio de desemprego. Da amostra de participantes ($n = 43$) 41.86% recebem o subsídio de desemprego e a grande maioria (58.14%) já não o recebe. Constatou-se que a pontuação média na escala CES-D foi superior para o grupo de participantes que já não recebem subsídio de desemprego ($M = 22.76$; $DP = 11.93$) comparativamente aos que ainda recebem ($M = 18.72$; $DP = 12.01$). De modo a verificar se as diferenças na manifestação de sintomatologia depressiva entre os dois grupos são estatisticamente significativas realizou-se um teste- t de igualdade de médias (Consultar Quadro 11). Verificou-se que as diferenças nos valores médios de pontuação na escala CES-D em função de receber ou não receber subsídio de desemprego, não são significativas, $t(42) = -1.08$; $p\text{-value} = .29 > .05$. Posteriormente foi realizado o seguinte procedimento: foram contados os participantes que não recebem o subsídio de desemprego e foi verificado entre esses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes que recebem o subsídio de desemprego. Averiguou-se que mais de metade dos participantes (**56%**) que pertencem ao grupo que não recebe subsídio de desemprego apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20 na escala CES-D enquanto menos de metade (**33.33%**) dos participantes que pertencem ao grupo que recebe o subsídio de desemprego apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20.

Quadro 11

Comparação entre participantes que recebem e que não recebem o subsídio de desemprego com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias

	Recebem Subsídio de Desemprego	N	M	DP	t	Sig.
	Sim	18	18.72	12.01		

CES-D	Não	24	22.76	11.93	-1.08	.29
--------------	-----	----	-------	-------	-------	-----

4.6. Outras correlações

Numa quarta análise relacionou-se a variável atitude face ao desemprego com a variável orientação religiosa através do método da correlação de *Pearson* a fim de explorar eventuais relações. Foi encontrada uma correlação significativa, ao nível de significância 0.05 ($r = .33$; $p\text{-value} = .04$) entre a subescala derrota e a orientação religiosa extrínseca pessoal (Rezo sobretudo para obter alívio e proteção; o que a religião mais me proporciona é conforto em alturas de problemas e de sofrimento; a oração é para a paz e a felicidade). Encontrou-se outra correlação, tendencialmente significativa ($r = -.31$; $p\text{-value} = .058$) entre a subescala derrota e a orientação religiosa intrínseca, com significância de 0.058. Não foram encontrados outros resultados estatisticamente significativos relativamente à comparação da variável atitude face ao desemprego com a variável orientação religiosa.

Procurou-se igualmente explorar a possível relação entre envolvimento religioso medido com a EPR e a atitude face ao desemprego, a manifestação de sintomatologia depressiva e a religiosidade através do método da correlação de *Pearson* (Consultar Quadro 12).

Quadro 12

Comparação entre envolvimento religioso, atitude face ao desemprego, manifestação de sintomatologia depressiva e orientação religiosa através do método da correlação de Pearson

		CES-D	S. Derrota	ORI	ORE	OREP
EPR	<i>r</i>	.32*	.34*	-.45**	.43**	.54**
	<i>Sig.</i>	.04	.03	.00	.00	.00

*. A correlação é significativa no nível 0.05.

**. A correlação é significativa no nível 0.01.

4.7. Diferenças de Género

Uma vez que um dos objetivos do estudo é explorar as diferenças de género, comparou-se dois grupos (homens e mulheres) com os resultados obtidos em todas as escalas em estudo através do teste-*t* para igualdade de médias.

Encontrou-se uma correlação significativa, ao nível de significância 0,05 na subescala derrota, na manifestação de sintomatologia depressiva e na orientação religiosa extrínseca pessoal (Consultar Quadro 13).

Quadro 13

Comparação entre homens e mulheres na Subescala Derrota, na CES-D e na OREP através do teste-t para Igualdade de Médias

	Sexo	N	M	DP	t	sig.
Subescala Derrota	Masculino	12	14.33	5.14		
	Feminino	26	18.58	5.29	-2.32	.03*
CES-D	Masculino	12	12.65	6.54		
	Feminino	30	24.38	12.09	-3.17	.00*
OREP	Masculino	12	10.92	4.27		
	Feminino	30	13.40	2.04	-2.56	.01*

*. A correlação é significativa no nível 0.05.

Para a subescala derrota, encontrou-se uma diferença significativa entre homens e mulheres - o sexo feminino apresenta um resultado mais elevado nesta escala ($M = 18.58$) do que o sexo masculino ($M = 14.33$). **85.71%** das mulheres encaram o desemprego como uma derrota para 66.67% dos homens.

Na manifestação de sintomatologia depressiva, também se encontrou uma diferença significativa entre homens e mulheres - o sexo feminino apresenta resultados superiores ao ponto de corte 20 ($M = 24.38$) mais do que o sexo masculino ($M = 12.65$), e esta diferença é muito grande (o dobro praticamente). Mais de metade das mulheres (**63.33%**) tem uma pontuação na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 para apenas 8.33% dos homens.

Relativamente à orientação religiosa extrínseca pessoal, também se encontrou uma diferença significativa entre homens e mulheres - é o sexo feminino que adota uma orientação religiosa extrínseca pessoal ($M = 13.40$), mais do que o sexo masculino ($M = 10.92$). **50%** das mulheres adotam uma orientação religiosa extrínseca pessoal para 25% dos homens.

De modo a compreender melhor a diferença entre homens e mulheres relativamente à atitude face ao desemprego, procurou-se analisar os resultados de cada participante relativamente aos itens do QESD através do U de *Mann-Whitney*. Só foram encontradas significâncias estatísticas ao nível de significância 0,05 nos itens 2, 3 e 9 (Consultar Quadro 14).

Quadro 14

Comparação entre homens e mulheres nos itens do QESD através do U de Mann-Whitney

QESD	Sexo	N	M	DP	U de Mann-Whitney	Sig.
Item 2	Masculino	12	4.67	.89	78.50	.01*
	Feminino	28	3.39	1.47		
Item 3	Masculino	12	2.25	1.60	89.00	.02*
	Feminino	27	3.59	1.47		
Item 9	Masculino	12	3.33	1.83	115.00	.05*
	Feminino	29	4.41	1.12		

*. A correlação é significativa no nível 0.05.

Nota: Utilizou-se uma estatística não paramétrica dado que as respostas aos itens são variáveis ordinais.

Posteriormente, relacionou-se cada sexo, separadamente, com as três variáveis em estudo (depressão, religiosidade e desemprego) através do método da correlação de *Pearson*.

Para o sexo feminino, encontrou-se uma correlação significativa entre a Subescala Derrota e a pontuação global obtida na CES-D ($r = .62$; $p\text{-value} = .00$) ao nível de significância 0.01; entre a Subescala Derrota e a Orientação Religiosa Intrínseca ($r = -.40$; $p\text{-value} = .05$) ao nível de significância 0.05 e entre a Subescala Derrota e a Orientação Religiosa Extrínseca ($r = .43$; $p\text{-value} = .03$) ao nível de significância 0.05.

Para o sexo masculino, apenas encontrou-se uma correlação significativa entre a Subescala Derrota e a pontuação global obtida na CES-D ($r = .63$; $p\text{-value} = .03$) ao nível de significância 0.05. Foi igualmente encontrada uma correlação significativa entre a Prática Religiosa e a pontuação global obtida na CES-D ($r = .68$; $p\text{-value} = .02$) ao nível de significância 0.05.

4.8. Análise das variáveis sociodemográficas na manifestação de sintomatologia depressiva

Procurou-se ainda verificar se, na amostra em estudo, as variáveis sociodemográficas - idade, estado civil, nível de escolaridade e nº de filhos a cargo influenciam a intensidade da sintomatologia depressiva. Para isso, foram analisados os valores obtidos com a escala CES-D em função da variável sociodemográfica em estudo.

Com a variável sociodemográfica idade, não foi encontrada nenhuma correlação estatisticamente significativa ($r = -.13$; $p\text{-value} = .42$).

Para verificar se a variável sociodemográfica estado civil influencia a manifestação de sintomatologia depressiva, decidiu-se dividir a amostra em dois grupos. Um grupo constituído por participantes casados/união de facto e outro grupo com os restantes participantes (solteiros; divorciados e viúvos). O grupo dos casados/união de facto corresponde a 52.38% da amostra e o grupo dos solteiros/divorciados/viúvos corresponde aos restantes 47.62%. A média de pontuação global obtida na escala CES-D para o grupo dos casados é $M = 18.73$ ($DP = 12.57$). Para o outro grupo, dos solteiros/divorciados/viúvos, a média de pontuação global obtida na CES-D é $M = 23.56$ ($DP = 11.08$). Posteriormente foi realizado o seguinte procedimento: foram contados os participantes do grupo dos casados/união de facto e foi verificado entre esses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes do grupo dos solteiros/divorciados/viúvos. Averiguou-se que mais de metade dos participantes (**59.09%**) que pertencem ao grupo dos casados/união de facto apresentam resultados inferiores ao ponto de corte 20 na escala CES-D enquanto a maior parte dos participantes (**55%**) que pertencem ao grupo dos solteiros/divorciados/viúvos apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20. Este resultado sugere uma maior presença de sintomatologia depressiva nos participantes solteiros, divorciados ou viúvos. Realizou-se um teste-*t* de igualdade de médias com o intuito de verificar se as diferenças na manifestação de sintomatologia depressiva entre os dois grupos são estatisticamente significativas (Consultar Quadro 15). Verifica-se que a diferença entre os dois grupos não é estatisticamente significativa, $t(42) = 1.32$; $p\text{-value} = .20$ ao nível de significância 0.05.

Quadro 15

Comparação entre casados/união de facto e solteiros/divorciados/viúvos com a CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias

	Estado Civil	N	M	DP	t	Sig.
CES-D	Casados/União de facto	22	18.73	12.57	1.32	.20
	Solteiros/divorciados/Viúvos	20	23.56	11.08		

Analizou-se igualmente os valores obtidos com a escala CES-D em função do nível de escolaridade. Procedeu-se à comparação entre grupos com diferentes níveis de escolaridade. O grupo com escolaridade inferior ao 9ºano corresponde a 58.14% da amostra e os restantes

41.86% correspondem ao grupo com escolaridade superior ao 9ºano. Verifica-se que, no grupo com escolaridade inferior ao 9ºano a média de pontuação global obtida na CES-D é $M = 24.47$ e para o grupo com nível de escolaridade igual ou superior ao 9ºano a média de pontuação global obtida é $M = 15.97$. Posteriormente foi realizado o seguinte procedimento: foram contados os participantes que pertencem ao grupo com escolaridade inferior ao 9ºano e foi verificado entre esses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes do grupo com escolaridade superior ao 9ºano. Constatou-se que mais de metade dos participantes (**60%**) que pertencem ao grupo com escolaridade inferior ao 9ºano apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20 na escala CES-D enquanto apenas **29.41%** dos participantes que pertencem ao grupo com escolaridade superior ao 9ºano apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20. Estes resultados sugerem uma maior presença de sintomatologia depressiva nos participantes com nível de escolaridade inferior ao 9ºano. Posteriormente, realizou-se um teste-*t* de igualdade de médias de modo a verificar se as diferenças na manifestação de sintomatologia depressiva entre os dois grupos de escolaridade são estatisticamente significativas (Consultar Quadro 16). Verifica-se que a diferença entre os dois grupos é estatisticamente significativa, $t(42) = -2.38$; $p\text{-value} = .02$ ao nível de significância 0.05.

Quadro 16

Comparação entre participantes com escolaridade inferior ou superior ao 9.ºano e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-t para Igualdade de Médias

	Nível de Escolaridade	N	M	DP	t	Sig.
CES-D	Superior ao 9.ºano	17	15.97	9.90		
	Inferior ao 9.ºano	25	24.47	12.24	-2.38	.02*

*. A correlação é significativa no nível 0.05.

Por último, procurou-se analisar a influência da variável sociodemográfica nº de filhos a cargo na intensidade da sintomatologia depressiva. Procedeu-se à comparação entre grupos, o grupo dos que têm filhos a cargo e o grupo dos que não têm filhos a cargo. Verificou-se que, no grupo dos que têm filhos a cargo a média de pontuação global obtida na escala CES-D é $M = 21.44$ ($DP = 12.66$) e para o grupo dos que não têm filhos a cargo a

média de pontuação global obtida na escala CES-D é $M = 20.43$ ($DP = 11.28$). Posteriormente foi realizado o seguinte procedimento: foram contados os participantes que pertencem ao grupo ter filhos a cargo e foi verificado entre esses, quantos apresentavam um resultado na escala CES-D superior ao ponto de corte 20 e quantos apresentavam um resultado inferior. Posteriormente, foi calculada a percentagem desses participantes. O mesmo procedimento foi realizado para os participantes que pertencem ao grupo dos que não têm filhos a cargo. Averiguou-se que mais de metade dos participantes (**52%**) que pertencem ao grupo dos que têm filhos a cargo apresentam resultados superiores ao ponto de corte 20 na escala CES-D enquanto a maior parte dos participantes (**58.82%**) que pertencem ao grupo dos que não têm filhos a cargo apresentam resultados inferiores ao ponto de corte 20. Estes resultados sugerem uma maior presença de sintomatologia depressiva nos participantes que têm filhos a cargo. Para averiguar se as diferenças na manifestação de sintomatologia depressiva entre os dois grupos são estatisticamente significativas foi realizado um teste-*t* de igualdade de médias (Consultar Quadro 17). Verifica-se que, apesar da pontuação média na escala CES-D ser superior para os indivíduos que têm filhos a cargo, essa diferença não é estatisticamente significativa, $t(42) = .27$ $p\text{-value} = .79 > .05$. Logo pela observação dos valores médios obtidos na pontuação da escala CES-D verifica-se que são muito semelhantes para os dois grupos. A diferença é de apenas um ponto percentual. Assim, o teste-*t* confirma que as diferenças não são significativas e permite supor que os dois grupos são semelhantes em termos da manifestação de sintomatologia depressiva.

Quadro 17

*Comparação entre participantes que têm ou que não têm filhos a cargo e a pontuação obtida na escala CES-D através do teste-*t* para Igualdade de Médias*

	Tem filhos a cargo	N	M	DP	t	Sig.
CES-D	Sim	25	21.44	12.66		
	Não	17	20.43	11.28	.27	.79

Capítulo 5 - Discussão dos Resultados

Neste capítulo serão discutidos os resultados que foram obtidos neste estudo, tendo em consideração os objetivos específicos anteriormente delineados.

Em relação às características da amostra do presente estudo verifica-se que esta é maioritariamente feminina (mais do que o dobro dos homens); com baixa escolarização porque a maioria dos participantes tem menos do que o 3ºCiclo (9ºano de escolaridade); são casados e têm filhos. Apesar de 79.1% dos participantes ter filhos, a grande maioria (39.5%) já não os tem a cargo.

Relativamente ao desemprego, constata-se que a maioria dos participantes encontra-se no desemprego de longa duração (> 12 meses) e atualmente já não recebe subsídio de desemprego. Para os que ainda usufruem do apoio financeiro, a maioria já o recebe há mais de 12 meses. Os participantes que já não recebem subsídio de desemprego, já não o recebem há mais de 12 meses e os participantes que recebem o subsídio social de desemprego recebem-no há mais de 12 meses. Nesta amostra verificou-se que os participantes que atualmente recebem o subsídio social de desemprego antes recebiam o subsídio de desemprego. Note-se que apesar da maior parte dos participantes se encontrarem na situação de desemprego a longo prazo, e a maioria (60.47%) ainda receber algum dos dois subsídios, 39.53% dos participantes já não recebe nenhum subsidio e encontra-se desempregado. Mais cedo ou mais tarde, se a situação não se alterar os participantes que estão em desemprego de longa duração acabarão por não receber nenhum tipo de apoio financeiro.

Os participantes são maioritariamente católicos, não praticantes; que vão à igreja ocasionalmente; que nunca se confessam ou comungam mas que rezam regularmente e que não vão à igreja senão para ir à missa ou a outro evento festivo (batismo por exemplo). Verifica-se que, no que concerne ao estatuto religioso assumido, os resultados deste estudo são semelhantes aos resultados obtidos noutros estudos realizados em Portugal acerca da religião em que se constatou que a População Portuguesa ainda é maioritariamente católica (Teixeira, 2012).

Em relação ao **primeiro objetivo** desta investigação - avaliar a prevalência de sintomatologia depressiva em pessoas desempregadas da ilha da Madeira entre os 40 e os 65 anos - observou-se que a amostra em estudo apresenta valores muito elevados de sintomatologia depressiva. 47.62% dos participantes apresenta uma pontuação igual ou superior ao ponto de corte de 20. Verifica-se que a vivência de uma situação inesperada, tal como a situação de desemprego, é geralmente acompanhada por sentimentos de tristeza, desamparo, angústia e desânimo. Estes sentimentos poderão resultar em síndromes depressivas caso não haja intervenção.

O **segundo objetivo** desta investigação consistia em estudar o eventual efeito da religiosidade e da atitude face ao desemprego sobre a ocorrência de sintomatologia depressiva. Foram colocadas três hipóteses específicas com o intuito de responder ao objetivo postulado. Com a *Hipótese 1* pretendeu-se encontrar uma associação positiva entre a pontuação obtida na subescala derrota avaliada com o QESD e a sintomatologia depressiva, sendo esperado que os participantes que encarassem o desemprego como algo negativo manifestassem maior sintomatologia depressiva na escala CES-D. Esta hipótese foi confirmada. Parece que os indivíduos que manifestam mais sintomas depressivos vêm mais facilmente o desemprego como uma derrota, ou os indivíduos que vêm o desemprego como uma derrota estão, tendencialmente, mais deprimidos. Foi colocada uma 2^a *Hipótese* onde se esperou encontrar uma associação negativa entre a orientação religiosa intrínseca e manifestação de sintomatologia depressiva, sendo esperado que os participantes que apresentassem uma pontuação mais elevada na orientação religiosa intrínseca manifestassem menor sintomatologia depressiva na escala CES-D. No presente estudo, apesar de se verificar a existência de uma correlação negativa entre as duas variáveis, a correlação não é estatisticamente significativa pelo que a hipótese não foi confirmada. Noutro estudo averiguou-se que os participantes que tiveram uma pontuação mais elevada na ORI sofreram menos com acontecimentos de vida stressantes e incontroláveis (Crystal, Lawrence, & Lisa, 1990; cit. por Darvyri, et. al, 2014), sugerindo a existência de uma relação entre a orientação religiosa intrínseca e a saúde mental. Com a *Hipótese 3* esperou-se encontrar uma associação positiva entre a religiosidade extrínseca e a sintomatologia depressiva, ou seja, esperou-se que os participantes que adotassem uma orientação religiosa extrínseca manifestassem maior sintomatologia depressiva na escala CES-D. Nos resultados do presente estudo foi encontrada uma correlação significativa entre as duas variáveis pelo que a hipótese foi confirmada. Note-se que parece ter sido a orientação religiosa extrínseca pessoal que mais contribuiu para a elevação do resultado nesta escala. A orientação religiosa extrínseca pessoal implica encarar a religião como uma fonte de conforto e segurança (Darvyri, et. al, 2014), e, uma vez que a religião foi designada como sendo uma fonte de conforto, apoio e esperança perante situações de vida stressantes (Saleh & Brockopp, 2001, cit. por Burker et. al., 2004), o resultado elevado nesta escala parece ser justificado. Assim, as pessoas que manifestam mais sintomas depressivos tendem a adotar uma orientação religiosa extrínseca (pessoal). Embora não existam outros resultados significativos quando comparada a variável orientação religiosa com a variável sintomatologia depressiva, existe um aspeto que deve ser discutido. A percentagem de participantes que tiveram uma pontuação elevada na ORI e apresentaram

pontuações mais baixas na escala CES-D e a percentagem de participantes que tiveram uma pontuação elevada na ORE e apresentaram pontuações mais elevadas na escala CES-D. Comparou-se os dois grupos e a diferença entre ambos foi estatisticamente significativa. Isto permite-nos supor que a orientação religiosa intrínseca pode de facto ser um fator protetor da ocorrência de sintomatologia depressiva.

Em relação ao **terceiro objetivo**, que visava analisar a influência do tempo de desemprego e de receber/não receber subsídio de desemprego sobre os níveis de sintomatologia depressiva, foram colocadas duas hipóteses. Com a *Hipótese 4* esperou-se encontrar uma associação positiva entre o tempo de desemprego e a manifestação de sintomatologia depressiva, sendo esperado que os participantes que estivessem há mais tempo desempregados manifestassem maior sintomatologia depressiva na escala CES-D. Apesar de não se verificar uma relação significativa entre as variáveis e a hipótese não ser confirmada, constata-se que os participantes que se encontram no desemprego de longa duração apresentam pontuações mais elevadas na escala CES-D comparativamente aos participantes que se encontram no desemprego de curta duração. Este resultado permite-nos supor, o que outros estudos constatarem, que o desemprego de longa duração pode ser um fator de risco para a ocorrência de sintomatologia depressiva. A *Hipótese 5* pretendia encontrar uma associação entre receber/não receber subsídio de desemprego e a manifestação de sintomatologia depressiva, sendo esperado que os participantes que já não recebem o subsídio de desemprego apresentassem um resultado mais elevado na escala CES-D. A hipótese colocada não foi verificada neste estudo uma vez que não foram encontradas relações significativas entre as variáveis. Assim, o tempo de desemprego e o receber/não receber subsídio de desemprego não contribuiu para um aumento da presença de sintomatologia depressiva entre os participantes. Contudo, constata-se que os participantes que já não recebem subsídio de desemprego apresentam pontuações mais elevadas na escala CES-D comparativamente aos participantes que ainda recebem o apoio financeiro. Pressupõe-se que a cessação do apoio financeiro, ainda em situação de desemprego, pode ser um fator de risco para a ocorrência de sintomatologia depressiva.

Em relação ao **quarto objetivo** desta investigação, que consistia em estudar a possível relação entre a religiosidade (intrínseca e extrínseca) e a atitude face ao desemprego, não foi postulada nenhuma hipótese uma vez que não foi encontrado nenhum estudo na literatura que relacionasse diretamente as duas variáveis. No presente estudo, encontrou-se uma correlação significativa entre a subescala derrota e a orientação religiosa extrínseca pessoal. Traduzido por outras palavras, os participantes que encararam a vivência do

desemprego como sendo mais negativa tenderam a ver a religião como sendo uma fonte de conforto e segurança. Encontrou-se, igualmente, uma correlação tendencialmente significativa (-.058) entre a subescala derrota e a orientação religiosa intrínseca. A correlação foi negativa o que significa que os participantes que adotaram uma orientação religiosa intrínseca não vêm o desemprego como sendo um acontecimento assim tao negativo como o vêm os participantes que adotaram uma orientação religiosa extrínseca pessoal. Este resultado parece estar em concordância com o resultado de estudos anteriores onde se verificou que os indivíduos que estão mais motivados com a religião revelam ser mais capazes de gerir o *stress* (Park, Cohen, & Herb, 1990, Pollard & Bates, 2004; cit. por Darvyri, et. al, 2014). Relativamente ao envolvimento religioso, encontrou-se uma correlação positiva entre a prática religiosa e sintomatologia depressiva. Constatou-se que os participantes mais praticantes tiveram resultados mais elevados na escala CES-D. Este resultado não está de acordo com os resultados obtidos noutros estudos, onde se constatou que um maior envolvimento religioso estava associado com menor ocorrência de sintomas depressivos. Este resultado contraditório pode ser justificado pela diferença de géneros. Verifica-se que a correlação é significativa para os homens mas não para as mulheres. Encontrou-se igualmente uma correlação positiva entre a prática religiosa e a subescala derrota. Os participantes que são mais praticantes tendem a encarar o desemprego de forma mais negativa do que os participantes menos praticantes. Uma vez mais este resultado parece ser contraditório aos resultados encontrados noutros estudos. Posteriormente, encontrou-se uma correlação negativa entre a prática religiosa e a orientação religiosa intrínseca e uma correlação positiva entre a prática religiosa e a orientação religiosa extrínseca e a orientação religiosa extrínseca pessoal. Estes resultados sugerem que os participantes mais praticantes não se identificam tanto com a religiosidade intrínseca como se identificam com a religiosidade extrínseca (pessoal). Assim, os participantes que estão mais envolvidos com a religião, manifestam mais sintomas depressivos, vêm mais facilmente o desemprego como uma derrota e a religião como uma fonte de segurança e conforto.

Com o **quinto objetivo** desta investigação pretendia-se estudar a diferença entre homens e mulheres na atitude face ao desemprego. Utilizou-se os dados do Questionário de Experiencia Subjetiva de Desemprego para tentar compreender como cada sexo encara a situação de desemprego. Apenas foi encontrada uma correlação estatisticamente significativa para a Subescala Derrota. Verificou-se que a média da pontuação obtida na Subescala derrota foi superior nas mulheres comparativamente aos homens. Assim, no presente estudo, o sexo feminino tende a encarar a vivência do desemprego de forma mais negativa do que o sexo

masculino. Este resultado não está de acordo com os resultados obtidos em diversos estudos anteriores que afirmam que a situação de desemprego produz um impacto negativo maior nos homens comparativamente às mulheres. Para compreender melhor a diferença entre homens e mulheres relativamente à atitude face ao desemprego, foi tido em consideração os resultados de cada participante relativamente aos itens do QESD. Só foram encontradas significâncias estatísticas, ao nível de significância 0,05 no item 2, 3 e 9. O Item 2 - “sinto-me livre por estar liberto do mundo do trabalho”, implica ver a situação de desemprego como uma experiência positiva e o sexo masculino concordou muito mais com esta afirmação ($M = 4.67$) do que o sexo feminino ($M = 3.39$). A diferença encontrada entre os sexos é relativamente grande e não está de acordo com os resultados encontrados em estudos anteriores. Uma das possíveis razões porque nesta amostra se verificou que o sexo feminino teve uma pontuação mais alta neste item prende-se com o facto de as mulheres apresentarem resultados mais elevados na escala CES-D que os homens. Constatou-se, noutros estudos, que o sexo feminino poderá sofrer mais com a situação de desemprego devido à predisposição geral das mulheres para ter perturbações mentais tais como a depressão e ansiedade (Kulik, 2000; Zenger, et. al, 2011). Quanto ao Item 3 - “Sinto-me envergonhado e aborrecido o tempo todo” - implica encarar a situação de desemprego como uma experiência negativa e as mulheres deste estudo tendem a concordar muito mais com esta afirmação ($M = 3.59$) do que os homens ($M = 2.25$). A diferença entre os sexos é consideravelmente grande e não está de acordo com os achados de estudos anteriores que afirmam ser o homem que sofre mais com a situação de desemprego (Artazcoz, et. al, 2004; Forret, et. al, 2010; Haid, et. al, 2013; Kulik, 2001; Strandh, et. al, 2013). Uma vez mais parece que este resultado traduz a tendência das mulheres para estarem mais deprimida e quando se está deprimido, é comum surgirem sintomas de vergonha, culpa ou aborrecimento. Torna-se difícil compreender se neste estudo as mulheres tiveram uma pontuação mais elevada neste item devido à sua situação atual de desemprego ou devido a questões de ordem pessoal. No que diz respeito ao Item 9 - “Sinto que o desemprego me causa muitas dificuldades financeiras” - o sexo feminino concordou mais com esta afirmação ($M = 4.4.1$) do que o sexo masculino ($M = 3.33$). Este item implica ver a situação de desemprego como uma experiência negativa e, uma vez mais, o resultado obtido é contraditório ao que outros estudos afirmam. Seria de esperar que o sexo masculino considerasse mais difícil não ser remunerado do que o sexo feminino devido aos papéis tradicionais que cada género desempenha. Concluiu-se que as mulheres, mais do que os homens, consideram que a situação de desemprego acarreta muitas dificuldades financeiras. Uma das explicações para este resultado é que os homens, tendencialmente, não têm tanta

coragem para admitir as suas dificuldades (Freeman & Freeman, 2013). Outra explicação diz respeito ao que já tem vindo a ser referido, da tendência para as mulheres estarem mais deprimidas que os homens (Freeman & Freeman, 2013). Outra possibilidade é que as mulheres podem, de facto, ter mais dificuldades a voltar a encontrar um emprego. Uma vez que as mulheres são mais velhas ($M = 51.61$) do que os homens ($M = 50.33$) e têm um nível de escolaridade mais baixo ($M = 4$) do que os homens ($M = 4.5$), estes dois aspetos podem interferir no processo de reemprego.

O **sexto objetivo** desta investigação visava estudar a diferença entre homens e mulheres no eventual efeito da religiosidade, da prática religiosa e da atitude face ao desemprego sobre a ocorrência de sintomatologia depressiva. Averiguou-se que em relação à atitude face ao desemprego, o sexo feminino tende a encarar a vivência do desemprego como uma derrota mais do que o sexo masculino, como já tinha sido anteriormente constatado. Quanto à manifestação de sintomatologia depressiva, existem mais mulheres que têm um resultado na pontuação global da escala CES-D superior ao ponto de corte 20 do que homens. No que diz respeito à religiosidade, encontrou-se uma diferença significativa entre o sexo feminino e o sexo masculino na orientação religiosa extrínseca pessoal. É o sexo feminino que adota uma OREP mais do que o sexo masculino. Verifica-se a existência de uma relação entre as variáveis subescala derrota; sintomatologia depressiva e orientação religiosa extrínseca pessoal para o sexo feminino mas não para o sexo masculino. Para responder ao sexto objetivo do estudo, procurou-se estudar o efeito da religiosidade, da prática religiosa e da atitude face ao desemprego na manifestação de sintomatologia depressiva em homens e mulheres separadamente. Verificou-se que em relação à influência da atitude face ao desemprego na sintomatologia depressiva, não foram encontradas diferenças entre os sexos. As mulheres, tal como os homens, que encaram a vivência do desemprego como sendo uma derrota apresentam valores mais elevados de sintomatologia depressiva na escala CES-D. Parece que a forma como o indivíduo encara o desemprego tem influência na manifestação de sintomatologia depressiva. Constatou-se que as mulheres que encaram a vivência do desemprego como sendo uma derrota têm resultados mais baixos na orientação religiosa intrínseca e resultados mais elevados na orientação religiosa extrínseca. Tal como já tinha sido referido, a orientação religiosa extrínseca está associada a uma redução da saúde mental enquanto a orientação religiosa intrínseca está associada com um aumento da saúde mental (Darvyri, 2014). Note-se que só foram encontradas correlações significativas no efeito da religiosidade e da atitude face ao desemprego sobre a manifestação de sintomatologia depressiva para o sexo feminino provavelmente devido ao tamanho da amostra (número

reduzido de homens). Por outro lado, foi encontrada uma correlação significativa entre a prática religiosa e a manifestação de sintomatologia depressiva para o sexo masculino mas não para o sexo feminino. Os homens que se identificam mais com os comportamentos religiosos manifestam níveis mais elevados de sintomatologia depressiva. Torna-se difícil compreender se os homens com mais prática religiosa tendem a estar mais deprimidos ou se os homens mais deprimidos tendem a ser mais praticantes.

No que respeita ao **objetivo sete** deste estudo, pretendia-se averiguar se as variáveis sociodemográficas, nomeadamente a idade, o estado civil, o nível de escolaridade e o nº de filhos a cargo, poderiam exercer influência sobre a manifestação de sintomatologia depressiva. Analisando os resultados do presente estudo, verificou-se não existirem relações significativas entre a manifestação de sintomatologia depressiva e a idade, o estado civil e o nº de filhos a cargo. No entanto, em relação ao nível de escolaridade, encontrou-se uma correlação negativa com a sintomatologia depressiva. Verifica-se que os participantes com maior nível de escolaridade têm mais provavelmente um resultado na escala CES-D inferior ao ponto de corte 20. O resultado encontrado está em concordância com o resultado de outros estudos que indicam que um nível de escolaridade elevado parece funcionar como um efeito protetor contra a ansiedade e depressão (Bjelland, et. al, 2008). Assim, o presente estudo contribui para o conhecimento de que a educação parece ter um efeito moderador sobre a depressão. Apesar de não terem sido encontradas outras correlações significativas, existem alguns aspetos que poderão ser tidos em consideração. A amostra do presente estudo não é suficientemente heterogénea e a maior parte das relações referidas anteriormente só se tornam evidentes com amostras relativamente grandes. Há uma multiplicidade de fatores que podem contribuir para o aumento do risco de ocorrência de sintomatologia depressiva mas a maior parte deles, quando considerados isoladamente, têm um peso relativamente pequeno, como se pôde constatar. Por isso é necessário muitas vezes recorrer a amostras relativamente grandes e heterogéneas. Por outro lado, também poderão não terem sido encontradas correlações significativas entre idade, estado civil e nº de filhos a cargo com a sintomatologia depressiva, provavelmente devido às características da amostra em si. A média de idades é de 51.26 anos, sendo uma amostra que se encontra relativamente a meio do período da meia-idade; a maior parte dos participantes que têm filhos, já não os tem a cargo, e este fator pode ser fundamental para aliviar a pressão financeira sentida face ao desemprego e verifica-se igualmente que grande parte dos participantes são casados, o que poderá significar que têm um maior apoio financeiro e emocional por parte do parceiro.

Conclusões

Começa-se por apresentar as considerações mais relevantes desta investigação, resumindo os resultados obtidos. Por último serão descritas as limitações do estudo e fornecidas sugestões para futuras investigações.

O objetivo primordial deste estudo foi compreender o impacto psicológico da vivência do desemprego numa população específica. Procurou-se entender se, a vivência de uma situação de vida adversa, tal como a situação de desemprego, poderia ser um fator de risco para a ocorrência de sintomas depressivos e, se neste caso específico, a religiosidade poderia funcionar como um fator protetor. Emergiu igualmente o interesse em estudar as diferenças de género por se considerar que poderiam existir diferenças relativamente às variáveis em estudo. Encontrou-se uma relação entre uma atitude face ao desemprego negativa e níveis mais elevados de sintomatologia depressiva e entre a orientação extrínseca e a orientação extrínseca pessoal e níveis mais elevados de sintomatologia depressiva. Foi também encontrada uma relação significativa entre a orientação religiosa extrínseca pessoal e uma atitude face ao desemprego negativa. Os resultados obtidos indicam que os participantes que encaram a vivência do desemprego como algo negativo apresentam valores mais elevados de sintomatologia depressiva e adotam uma orientação religiosa extrínseca pessoal. Um dado curioso é que esta situação se verifica no sexo feminino mas não no sexo masculino. Por outro lado, encontrou-se uma relação entre a prática religiosa e níveis mais elevados de sintomatologia depressiva e entre uma atitude face ao desemprego negativa e níveis mais elevados de sintomatologia depressiva para os homens.

Os resultados sugerem que a situação de desemprego é de facto um fator de risco para a ocorrência de sintomas depressivos e que a religiosidade pode funcionar como um fator protetor. Contudo, verifica-se que parece ser a orientação religiosa intrínseca que protege contra o aumento de sintomatologia depressiva e que a orientação religiosa extrínseca parece contribuir para esse aumento. Também foi possível constatar que homens e mulheres reagem de forma diferente à situação de desemprego.

Na presente investigação foram encontradas algumas limitações, que devem ser tidas em consideração quando se está a interpretar os resultados do estudo. O tamanho da amostra ser demasiado reduzido teve implicações nos resultados, não tendo sido possível encontrar mais correlações significativas para além das postuladas acima; os critérios de inclusão da amostra terem sido demasiado específicos e a amostra não ter sido suficientemente heterogénea; o elevado número de mulheres (mais do que o dobro) comparativamente ao

reduzido número de homens; não ter sido questionado aos participantes se estes estavam à procura de emprego; o próprio Questionário sobre o Desemprego não ter sido uma medida válida, pelo que os resultados globais não foram utilizados.

Em estudos futuros que pretendam dar continuidade ao presente trabalho, sugere-se que se procure aprofundar a relação entre desemprego, depressão e religiosidade numa amostra suficientemente heterogénea. Seria importante perceber a relação de causalidade entre desemprego e depressão para o sexo feminino, uma vez que não foi possível compreender se as mulheres encaram o desemprego de forma mais negativa porque já estão deprimidas à partida ou, se face à situação de desemprego estas se tornam (ainda) mais deprimidas. Outro aspeto a ter em consideração diz respeito à relação de causalidade entre religiosidade e depressão em homens desempregados, dado que não foi possível compreender se os homens com um maior envolvimento religioso estão mais deprimidos ou se os homens mais deprimidos tendem a mostrar um maior envolvimento religioso. Outra sugestão para uma futura investigação é realizar um estudo longitudinal que procure compreender o efeito da duração do desemprego no grau de compromisso com a religião, estudando a possível ocorrência de sintomatologia depressiva.

Referências Bibliográficas

Abramson, L.; Seligman, M. & Teasdale, J. (1978). Learned helplessness in humans: Critique and reformulations. *Journal of Abnormal Psychology*, 87, 49-74.

Allport, G.W., & Ross, J.M. (1967). Personal religious orientation and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5(4), 432-443.

American Psychiatric Association (2014). *DSM-5; Manual Diagnostico e Estatistico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Artazcoz, L.; Benach, J.; Borrel, C. & Cortès, I. (2004). Unemployment and Mental Health: Understanding the Interactions Among Gender, Family Roles, and Social Class. *American Journal of Public Health*, 94 (1), 82-88.

Balbuena, L.; Baetz, M. & Bowen, R. (2013). Religious Attendance, Spirituality, and Major Depression in Canada: A14-Year Follow-up Study. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 58, 4, 225-232.

Barbosa, A. (2010). Processo de Luto e Luto Infantil. In A. Barbosa & I. G. Neto (Eds.), *Manual de Cuidados Paliativos* (pp. 487-562). Lisboa: Núcleo de Cuidados Paliativos/Centro de Bioética/Faculdade de Medicina de Lisboa.

Bjelland, I.; Krokstad, S.; Mykletun, A.; Dahl, A. A.; Tell, G. S. & Tambs, K. (2008). Does a higher educational level protect against anxiety and depression? The Hunt study. *Soc Sci Med*, 66 (6), 1334-1345.

Braam, A. W.; Van den Eeden, P; Prince, M. J.; Beekman, A. T. F.; Kivela, S.L.; Lawlor, B. A.; Copeland, J. R. M. (2001). Religion as a cross-cultural determinant of depression in elderly Europeans. Results from the Eurodep Collaboration. *Psychological Medicine*, 31, 803-814.

Burker, E. J.; Evon, D. M.; Sedway, J. A. & Egan, T. (2004). Religious Coping, Psychological Distress and Disability Among Patients With End-Stage Pulmonary Disease. *Journal of Clinical Psychology in Medical Settings*, 11, 3, 179-193.

Cardoso, F. (2015). *Madeira tem a taxa de desemprego mais alta do país*. Recuperado em 17, Agosto, 2015, de <http://www.dnoticias.pt/actualidade/economia/531911-madeira-tem-a-taxa-de-desemprego-mais-alta-do-pais> (Consultado a 17/08/2015).

Coleman, P. G.; Carare, R. O.; Petrov, I.; Forbes, E. & Saigal, A. (2011). Spiritual belief, social support, physical functioning and depression among older people in Bulgaria and Romania. *Aging & Mental Health*, 15, 3, 327-333.

Darvyri, P.; Galanakis, M.; Avgoustidis, A; Pateraki, N.; Vasdekis, S. & Darviri, C. (2014). The Revised Intrinsic/Extrinsic Religious Orientation Scale in a Sample of Attica's Inhabitants. *Psychology*, 5, 1557-1567.

Direção-Geral da Saúde (2013). *Portugal - Saúde Mental em Números*. Recuperado em 15, Agosto, 2015, de http://www.fnerdm.pt/wp-content/uploads/2015/01/SaudeMentalemnumeros_2013.pdf

Eisenberg, P., & Lazarsfeld, P. F. (1938). The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, 35, 358-390.

Erikson, E. H. (2000). *El Ciclo Vital completado*. Edição revisada Y ampliada. Paidós. Barcelona.

Fagulha, T. (2005). A meia-idade e a meia-idade no Feminino. *Psicologia*, 19 (½), 13-17.

Feather, N. T. (1990). *The psychological impact of unemployment*. New York: Springer.

Ferraro, K. F. & Kelley-Moore, J. A. (2000). Religious Consolation among men and women: do health problems spur seeking?. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 39 (2), 220-234.

Freeman, D. & Freeman, J. (2013). *The stressed sex: uncovering the truth about men, women and mental health*. Oxford University Press, Great Britain.

Frese, M. & Mohr, G. (1978). The psychopathological consequences of the loss of work: The case of unemployment In M. Frese, S. Greif, & N. B. Brenner (Eds.), *Industrielle Psychopathologie* (pp. 282-320). Bern, Switzerland: Huber.

Frese, M. & Mohr, G. (1987). Prolonged unemployment and depression in older workers: a longitudinal study of intervening variables. *Social Science and Medicine*, 25(2), 173-178.

Fryer, D. (1986). Employment deprivation and personal agency during unemployment: A critical discussion of Jahoda's explanation of the psychological effects of unemployment. *Social Behaviour*, 1, 3-23.

Fonseca, A. M. (2004). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Climepsi Editores, Lisboa.

Forret, M. L.; Sullivan, S. E. & Mainiero, L. A. (2010). Gender role differences in reactions to unemployment: Exploring psychological mobility and boundaryless careers. *Journal of Organizational Behavior*, 31, 647-666.

Garraty, J. A. (1978). *Unemployment in history*. New York: Harper & Row.

Gonçalves, B., & Fagulha, T. (2003). Escala de depressão do centro de estudos epidemiológicos (CES-D). In M. Gonçalves, M. Simões, L. Almeida, & C. Machado (Eds.), *Avaliação psicológica*. (Vol. 1, pp. 33-43).

Haid, M-L. & Seiffge-Krenke, I. (2013). Effects of (un)employment on young couples' health and life satisfaction. *Psychology & Health*, 28 (3), 284-301.

Hamilton, V. L.; Hoffman, W. S.; Broman, C. L. & Rauma, D. (1993). Unemployment, Distress, and Coping: A Panel Study of Autoworkers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65 (2), 234-247.

Eisenberg, P. & Lazarsfeld, P. F. (1938). The psychological effects of unemployment. *Psychological Bulletin*, 35, 358-390.

Hepworth, S. J. (1980). Moderating factors of the psychological impact of unemployment. *Journal of Occupational Psychology*, 53, 139-145.

Instituto de Emprego da Madeira (s.d.). Recuperado em 17, Agosto, 2015, de <http://www.iem.gov-madeira.pt/In%C3%ADcio/Estat%C3%ADsticas/TaxadeDesempregoMédiasAnuais/tabid/109/Default.aspx>

Instituto de Emprego da Madeira (s.d.). Recuperado em 17, Agosto, 2015, de <http://www.iem.gov-madeira.pt/LinkClick.aspx?fileticket=AqL%2bVymVrz8%3d&tabid=247>

Instituto de Emprego e Formação Profissional (2015). Recuperado em 17, Agosto, 2015, de <https://www.iefp.pt/documents/10181/3943898/Informação+Mensal+junho+2015.pdf/4c4cde14-fd94-46e2-90e3-954625611c73>

Instituto Nacional de Estatística (s.d.). Recuperado em 10, Dezembro, 2014, de http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_indicador&contexto=ind&indOcorrCod=0006733&selTab=tab10

Jackson, P. R., & Warr, P. B. (1984). Unemployment and ill-health: The moderating role of duration and age. *Psychological Medicine*, 14, 605-614.

Jahoda, M. (1982). *Employment and unemployment*. Cambridge, England: University Press.

Koenig, H.; King, D. & Carson, V. (2012). *Handbook of religion and health* (2 ed.). New York: Oxford University Press.

Kulik, L. (2000). Jobless men and women: A comparative analysis of job search intensity, attitudes toward unemployment, and related responses. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 73, 487-500.

Kulik, L. (2000). The Impact of Gender and Age on Attitudes and Reactions to Unemployment: The Israeli Case. *Sex Roles*, 43, 85-104.

Kulik, L. (2001). Impact of length of unemployment and age on jobless men and women: a comparative analysis. *Journal of employment counseling*, 38, 15-27.

Lahelma, E. (1989). Unemployment, re-employment and mental well-being: A panel survey of industrial jobseekers in Finland. *Scandinavian Journal of Social Medicine*, Supplementum 43.

Lamberg, T.; Virtanen, P.; Vahtera, J.; Luukkaala, T. & Koskenvuo, M. (2009). Unemployment, depressiveness and disability retirement: a follow-up study of the Finnish HeSSup population sample. *Soc Psychiat Epidemiol*, 45, 259-264.

Linares, R. (2009). Escala de Orientação Religiosa (versão para estudo).

Maltby, J. (1999). The internal structure of a derived, revised and amended measure of the religious orientation scale: The 'age-universal' I-E scale. *Social behavior and Personality*, 27(4), 407-412.

Maselko, J.; Hayward, D. R.; Hanlon, A.; Buka, S. & Meador, K. (2012). Religious service attendance and major depression: a case of reverse causality?. *Am J Epidemiol*, 175(6), 576-583.

Matoba, T.; Ishitake, T. & Noguchi, R. (2003). A 2-year follow-up survey of health and life style in Japanese unemployed persons. *Arch Occup Environ Health*, 76, 302-308.

Mela, M. A.; Marcoux, E.; Baetz, M.; Griffin, R.; Angelski, C. & Deqiang, G. (2008). The effect of religiosity and spirituality on psychological well-being among forensic psychiatric patients in Canada. *Mental Health, Religion & Culture*, 11, 5, 517-532.

McFayden, R. G. (1995). Coping with threatened identities: Unemployed people's self-categorizations. *Current Psychology: Development, Learning, Personality, Social*, 14, 233-257.

Moorhouse, A. & Caltabiano, M. L. (2007). Resilience and unemployment: exploring risk and protective influences for the outcome variables of depression and assertive job searching. *Journal of employment counseling*, 44, 115-125.

Pargament, K.I. (1999). The psychology of religion and spirituality? Yes and no. *Journal for the Psychology and Religion*, 9(1), 3-16.

Perrucci, C., Perrucci, R. & Targ, D. B. (1997). Gender differences in the economic, psychological and social effects of plant closings in an expanding economy. *Social Science Journal*, 34, 217- 233.

Ribeiro, M. & Coimbra, J. (s.d.). O desemprego na meia-idade. Recuperado em 13, Marco, 2015, de http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MswO8t_zrL0J:sigarra.up.pt/fpceup/pt/pubs_pesquisa.show_publ_file%3Fpct_gdoc_id%3D5012+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=ch&client=safari

Rowntree, B. S. & Lasker, B. (1911). *Unemployment: A social study*. London: Macmillan.

Shams, M. & Jackson, P. R. (1993). Religiosity as a predictor of well-being and moderator of the psychological impact of unemployment. *British Journal of Medical Psychology*, 66, 341-352.

Segurança Social (s.d.). Recuperado em 12, Fevereiro, 2015, de <http://www4.seg-social.pt/subsidio-de-desemprego>

Sheehan, M. & Tomlinson, M. (1998). Unemployment duration in an unemployment blackspot. *Labour*, 12 (4), 643-673.

Smith, T.; McCullough, M. & Poll, J. (2003). Religiousness and Depression: Evidence for a Main Effect and the Moderating Influence of Stressful Life Events. *Psychological Bulletin*, 129 (4), 614-636.

Stankunas, M.; Kalediene, R.; Starkuviene, S. & Kapustinskiene, V. (2006). Duration of unemployment and depression: a cross-sectional survey in Lithuania. *BMC Public Health*, 6, 174.

Strandh, M.; Hammarstrom, A.; Nilsson, K.; Nordenmark, M. & Russel, H. (2013). Unemployment, gender and mental health: the role of the gender regime. *Sociology of Health & Illness*, 35 (5), 649-665.

Teixeira, A. (2012). *Identidades Religiosas em Portugal, Ensaio Interdisciplinar*. Paulinas Editora, Lisboa.

WFMH World Mental Health Day (2012). DEPRESSION: A Global Crisis. Boletim de World Federation of Mental Health, 6-28.

Zenger, M.; Brahler, E.; Berth, H. & Stobel-Richter, Y. (2011). Unemployment during working life and mental health of retirees: Results of a representative survey. *Aging & Mental Health*, 15 (2), 178-185.

ANEXOS

ANEXO I – Consentimento Informado e Autorizações

Consentimento informado

Aceito participar de livre vontade no estudo da autoria de Catarina Nunes (Aluna da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa), orientado pelo Professor Doutor Bruno Gonçalves, no âmbito da dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Psicologia Clínica Dinâmica.

Foram-me explicados e compreendo os objetivos principais deste estudo:

- Compreender a vivência de uma situação de vida adversa, mais propriamente, o desemprego.
- Compreender o efeito dessa vivência na saúde mental da pessoa desempregada
- Compreender o papel da religião nesta situação específica

Também entendi o procedimento que tenho que realizar:

- Responder a cinco questionários com duração de cerca de 20/30 minutos

Compreendo que a minha participação neste estudo é voluntária, podendo desistir a qualquer momento, sem que essa decisão se reflita em qualquer prejuízo para mim.

Ao participar neste trabalho, estou a colaborar para o desenvolvimento da investigação na área do desemprego não sendo, contudo, acordado qualquer benefício direto ou indireto pela minha colaboração.

Entendo, ainda, que toda a informação obtida neste estudo será estritamente confidencial e que a minha identidade nunca será revelada em qualquer relatório ou publicação, ou a qualquer pessoa não relacionada diretamente com este estudo, a menos que eu o autorize por escrito.

Se desejar ter conhecimento sobre os resultados da investigação, contactar:
catarina92camacho@gmail.com

Assinatura:

Data:

Pedido de Autorização para a realização do projeto de investigação - Clube de Emprego da Investimentos Habitacionais da Madeira

Exma. Dra. Mara Rodrigues

Assunto: Pedido de autorização para a realização do Projeto de Investigação

Lisboa, 30 de Dezembro de 2014

Eu, Catarina Raquel Camacho Nunes, natural do Funchal, venho por este meio solicitar a colaboração do V. prestigiado Clube, no sentido de realizar recolha de dados para fins de investigação relativos ao meu projeto de investigação inserido no curso de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Bruno Gonçalves. Os dados recolhidos são confidenciais e, em momento algum, os participantes serão identificados, acrescentando ainda sob compromisso de honra que o funcionamento do Instituto não será posto em causa.

No âmbito de uma investigação subjugada ao tema: Depressão, religiosidade e desemprego, pretende-se avaliar no mínimo 50 indivíduos, homens e mulheres com idades iguais ou superiores a 40 anos, que sejam residentes do arquipélago da Madeira e que estejam desempregados. O Objetivo do estudo é compreender qual o impacto psicológico da vivência do desemprego nomeadamente como fator de risco para a ocorrência de sintomas depressivos. Pretende-se igualmente verificar se a religiosidade pode, neste contexto, funcionar como fator protetor.

Assumo desde já o compromisso de devolver os resultados obtidos se o Clube assim o desejar.

Anexo: Consentimento informado disponibilizado aos participantes

Com os meus melhores cumprimentos,

Catarina Raquel Nunes

← → ↻ <https://mail.google.com/mail/u/1/#search/forr/14a43b9f13c0d33d>

Aplicações Drivers | GeForce PayPal Fast Mp3 Download... Beber Cair E Levanta... Facebook YouTube Boleias é na BlaBlaC... Canal Recrutamento... PROZIS GoSuper » Outros marcadores

Google forr Catarina

Gmail Mover para caixa de entrada Mais Pt

COMPOR

Caixa de entrada

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (1)

⌵ Círculos

Catarina

Ronan, Alexandr... Videochamada n

Tania Marques depois estou desem

Candide, Alexanc Esteve numa vid

Alexandra Cardo... Boa!

Candide Tvrdkov Esteve numa vid

Alexandra, Candi

Article - Gender role differences in reactions to unemployment: Exploring psychological mobility and boundaryless careers Caixa de entrada x

Catarina Nunes <catarina92camacho@gmail.com> 13/12/14

para forretmonica1

Excellency Monica Forret,

My name is Catarina Raquel Camacho Nunes. I am a master student of Faculty of Psychology, University of Lisbon (<http://www.psicologia.ulisboa.pt/>). I am being supervised by the teacher Bruno Gonçalves (email - bgoncalves@psicologia.ulisboa.pt).

I am contacting you due to an interest in translating and adapting the questionnaire relative to unemployment used in the article "Gender role differences in reactions to unemployment: Exploring psychological mobility and boundaryless careers". I am conducting a study that has the intention to assess the psychological impact of unemployment on men and women and your questionnaire seemed appropriate to the study that I want to accomplish.

I'll be waiting for a correspondence,

Catarina Nunes

Forret, Monica

Adic. a circs.

Mostrar detalhes

← → ↻ <https://mail.google.com/mail/u/1/#search/forr/14a43b9f13c0d33d>

Aplicações Drivers | GeForce PayPal Fast Mp3 Download... Beber Cair E Levanta... Facebook YouTube Boleias é na BlaBlaC... Canal Recrutamento... PROZIS GoSuper » Outros marcadores

Google forr Catarina

Gmail Mover para caixa de entrada Mais Pt

COMPOR

Caixa de entrada (1)

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (1)

⌵ Círculos

Catarina

Ronan, Alexandr... Videochamada n

Tania Marques depois estou desem

Candide, Alexanc Esteve numa vid

Alexandra Cardo... Boa!

Candide Tvrdkov Esteve numa vid

Alexandra, Candi

Forret, Monica <forretmonica@sau.edu> 16/12/14

para mim

Inglês > português Traduzir mensagem Desactivar para mensagens em: inglês x

Hello Catarina,

Thank you so much for your request. I'm very glad to know that you found this article helpful for your research. Let me check with my coauthors, and I will get back in touch with you shortly regarding the translation.

By the way, I spent a week in Lisbon this past summer and absolutely loved the city!

Best regards,
Monica

xxx

Forret, Monica

Adic. a circs.

Mostrar detalhes

Catarina Nunes 16/12/14

Hello Monica, I Have to say thank you for the correspondence. The article had...

Forret, Monica 26/12/14

Hello Catarina, My apologies for the delay in getting back with you – it has...

Catarina Nunes 30/12/14

Hello Monica, I appreciate the correspondence. Of course, in these holiday se...

Catarina Nunes 14/01

Hello Monica, I've already translated the questionnaire but I've realised tha...

← → ↺

https://mail.google.com/mail/u/1/#search/forr/14a43b9f13c0d33d

Aplicações Drivers | GeForce PayPal Fast Mp3 Download... Beber Cair E Levanta... Facebook YouTube Boleias é na BlaBlaC... Canal Recrutamento... PROZIS GoSuper Outros marcados

Google forr Catarina

Gmail Mover para caixa de entrada Mais

COMPOR

Caixa de entrada (1)

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (1)

Círculos

Catarina

Ronan, Alexandr... Videochamada n

Tania Marques depois estou desem

Candide, Alexanc Esteve numa vid

Alexandra Cardos Boal

Candide Tvrdkov Esteve numa vid

Alexandra, Candi

Catarina Nunes

Hello Monica, I Have to say thank you for the correspondence. The article had...

16/12/14

Forret, Monica

<forretmonical@sau.edu>

26/12/14

Inglês

português

Traduzir mensagem

Desactivar para mensagens em: inglês

Hello Catarina,

My apologies for the delay in getting back with you -- it has been quite hectic here with the holiday season and travels. I wanted to let you know that we are very fine with you translating and adapting the questionnaire to meet your needs. I would be quite interested in seeing a final version of your manuscript or thesis when you are finished.

I hope you had a very enjoyable Christmas holiday, and best wishes on your research project!

Catarina Nunes

Hello Monica, I appreciate the correspondence. Of course, in these holiday se...

30/12/14

Catarina Nunes

Hello Monica, I've already translated the questionnaire but i've realised tha...

14/01

Forret, Monica

Hello Catarina, Thanks for your note -- very exciting to have the scale trans...

15/01

Forret, Monica

Adic. a circs.

Mostrar detalhes

← → ↺

https://mail.google.com/mail/u/1/#search/clubeempregonazare%40gmail.com/14a9c0b95863a2fc

Aplicações Drivers | GeForce PayPal Fast Mp3 Download... Beber Cair E Levanta... Facebook YouTube Boleias e na BlaBlaCa... Canal Recrutamento... PROZIS GoSuper » Outros marcadores

Google

clubeempregonazare@gmail.com

Catarina

Gmail

COMPOR

Caixa de entrada (1)

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (1)

Círculos

Catarina

Ronan, Alexandri

Tania Marques

Candide, Alexanc

Alexandra Cardo

Candide Tvrdkov

Alexandra, Candi

Catarina Nunes <catarina92camacho@gmail.com>

para Mara

28/01

Olá Dra. Mara,

Desde já peço desculpa pela minha demora em dizer algo. Já tenho todos os questionários operacionalizados e prontos a serem aplicados. Já falei com os meus orientadores e a melhor altura para ir aí será depois do carnaval, um pouco depois do que tinha conversado consigo. Não sei se ainda estará disponível para me ajudar. Se sim, envio os questionários amanhã, e vou aí do dia 23 ao dia 27.

Fico então a aguardar que me envie o documento com o propósito e procedimentos do clube de emprego. Não envie uma carta ainda ao Padre Pedro, aconselha-me que o faça?

Beijinhos,
Bom resto de semana,
Catarina Nunes

Mara Rodrigues <clubeempregonazare@gmail.com>

para mim

28/01

Claro que posso colaborar. Tenho andado com vários projetos... Daí ainda não ter feito o documento dos objetivos do Clube, e se calhar só consigo enviar na próxima semana.

Sim, envie a carta ao Sr. Padre, até porque eles têm muitas pessoas com a faixa etária que pretende.

Beijinhos e continuação de bom trabalho.

← → ↺

https://mail.google.com/mail/u/1/#search/paroquiadanazarefunchal%40gmail.com/14ba70e48eefa413

Aplicações Drivers | GeForce PayPal Fast Mp3 Download... Beber Cair E Levanta... Facebook YouTube Boleias e na BlaBlaCa... Canal Recrutamento... PROZIS GoSuper » Outros marcadores

Google

paroquiadanazarefunchal@gmail.com

Catarina

Gmail

COMPOR

Caixa de entrada (1)

Com estrela

Importante

Correio enviado

Rascunhos (1)

Círculos

Catarina

Ronan, Alexandri

Tania Marques

Candide, Alexanc

Alexandra Cardo

Candide Tvrdkov

Alexandra, Candi

Catarina Nunes <catarina92camacho@gmail.com>

para paroquiadanaza...

20/02

Muito Boa Tarde,

O meu nome é Catarina Nunes e sou estudante da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, orientada pelo prof. Bruno Gonçalves e estou a desenvolver um estudo que pretende relacionar 3 variáveis: a depressão, religiosidade e desemprego. O estudo começou com uma vontade de compreender qual a relação entre a depressão e a religião, e mais tarde surgiu o interesse de verificar qual será o impacto destas duas variáveis face a uma situação de vida adversa (tal como a vivência de desemprego).

Assim, espera-se que aquando a vivência de desemprego, a pessoa sinta sintomas de depressão e que a religiosidade, neste contexto, possa funcionar como fator protetor desses sintomas depressivos. Para isso foi decidido estudar estas três variáveis numa população vulnerável como os adultos de meia-idade, desempregados, com idade acima dos 40 anos.

Ainda surgiu o interesse de aplicar este estudo à população Madeirense uma vez que a taxa de desemprego na Madeira é superior a Portugal Continental e aos Açores.

Posto isto,
Vinha perguntar ao Padre Pedro se considera viável o estudo ser aplicado na Paróquia da Nazaré.
Neste momento já tenho a colaboração do Clube de Emprego da Nazaré.

O Objetivo do estudo é ser realizado no mínimo a 50 pessoas, são 5 questionários de resposta rápida, a aplicação total dos questionários demora cerca de 15/30 minutos dependendo da rapidez da pessoa a responder. Nunca será pedida informação identificativa das pessoas, apenas dados que sejam pertinentes para a realização do estudo.

Confesso ser muito em cima de hora mas não tive disponibilidade para enviar email mais cedo. Esta semana que vem, do dia 23 ao dia 27 estarei no Clube de Emprego a aplicar os questionários. Se em algum momento sentir, seria uma mais valia poder aplicar este estudo na Paróquia.

Desde já, Agradeço a atenção,
Com os melhores cumprimentos,
Catarina Nunes

Paróquia da Na...

ANEXO II – Questionário Sociodemográfico

TODAS AS INFORMAÇÕES SOLICITADAS SÃO CONFIDENCIAIS

DADOS PESSOAIS:		
Sexo:	Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/>	Idade: _____
Estado civil: solteiro(a) <input type="checkbox"/> casado(a)/união de facto <input type="checkbox"/> divorciado(a) ou separado(a) <input type="checkbox"/> viúvo(a) <input type="checkbox"/>		
Habilitações escolares: Não foi à escola <input type="checkbox"/> Menos de 4 anos <input type="checkbox"/> 4 anos <input type="checkbox"/> 6 anos <input type="checkbox"/> 9 anos <input type="checkbox"/> 12 anos(ou antigo 7º ano) <input type="checkbox"/> Bacharelato/ Licenciatura <input type="checkbox"/>		
Profissão antes de estar desempregado(a): _____		

AGREGADO FAMILIAR:		
N.º de filhos _____ N.º de filhos a cargo _____		
Actualmente vive com: Mulher/Marido ou companheira(o) <input type="checkbox"/>		
Filhos <input type="checkbox"/> (indique o n.º) _____ Pai <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Sogra <input type="checkbox"/>		
Sogra <input type="checkbox"/> Netos <input type="checkbox"/> Outros _____ Vive sozinho(a) <input type="checkbox"/>		

SITUAÇÃO DE DESEMPREGO		
Tempo de desemprego: _____ anos _____ meses		
Tem direito a subsídio de desemprego: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
<u>Se respondeu sim</u>		
Há quanto tempo recebe o subsídio de desemprego: _____ anos _____ meses		
<u>Se respondeu não</u>		
Há quanto tempo deixou de receber o subsídio de desemprego: _____ anos _____ meses		
Recebe o subsídio social de desemprego: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>		
Há quanto tempo: _____		

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

ANEXO III – Resultados da análise de Confiabilidade do Questionário Experiência Subjetiva de Desemprego

Quadro 2

Confiabilidade do QESD-Total, Subescala Derrota e Subescala Oportunidade

	Alfa de <i>Cronbach</i>
QESD-Total	.69
Subescala Derrota	.66
Subescala Oportunidade	.43

Quadro 3

Correlações Item-Total na Subescala Derrota

Itens da Subescala Derrota	Correlação Item-Total	Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for excluído
1	.55	.55
3	.62	.50
5	.11	.73
7	.30	.66
9	.54	.55

Quadro 4

Correlações Item-Total na Subescala Derrota eliminando o Item 5

Itens da Subescala Derrota	Correlação Item-Total	Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for excluído
1	.50	.68
3	.70	.55
7	.36	.76
9	.55	.66

Quadro 5*Correlações Item-Total na Subescala Oportunidade*

Itens da Subescala Oportunidade	Correlação Item-Total	Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for excluído
2	.31	.39
4	.23	.46
6	.30	.40
8	.29	.40

Quadro 6*Correlação Item-Total do QESD com o item 4*

Itens do QESD final	Correlação Item-Total	Alfa de <i>Cronbach</i> se o item for excluído
1	.37	.67
2	.31	.68
3	.49	.64
4	-.00	.72
5	.28	.69
6	.60	.62
7	.51	.64
8	.30	.68
9	.42	.66

Quadro 7*Correlação Item-Total do QESD final sem o item 4*

Itens do QESD final	Correlação Item-Total	Alfa de
		<i>Cronbach</i> se o item for excluído
1	.37	.67
2	.31	.68
3	.48	.64
5	.28	.69
6	.60	.62
7	.51	.64
8	.30	.68
9	.42	.66